



A Saga de

Mitrax

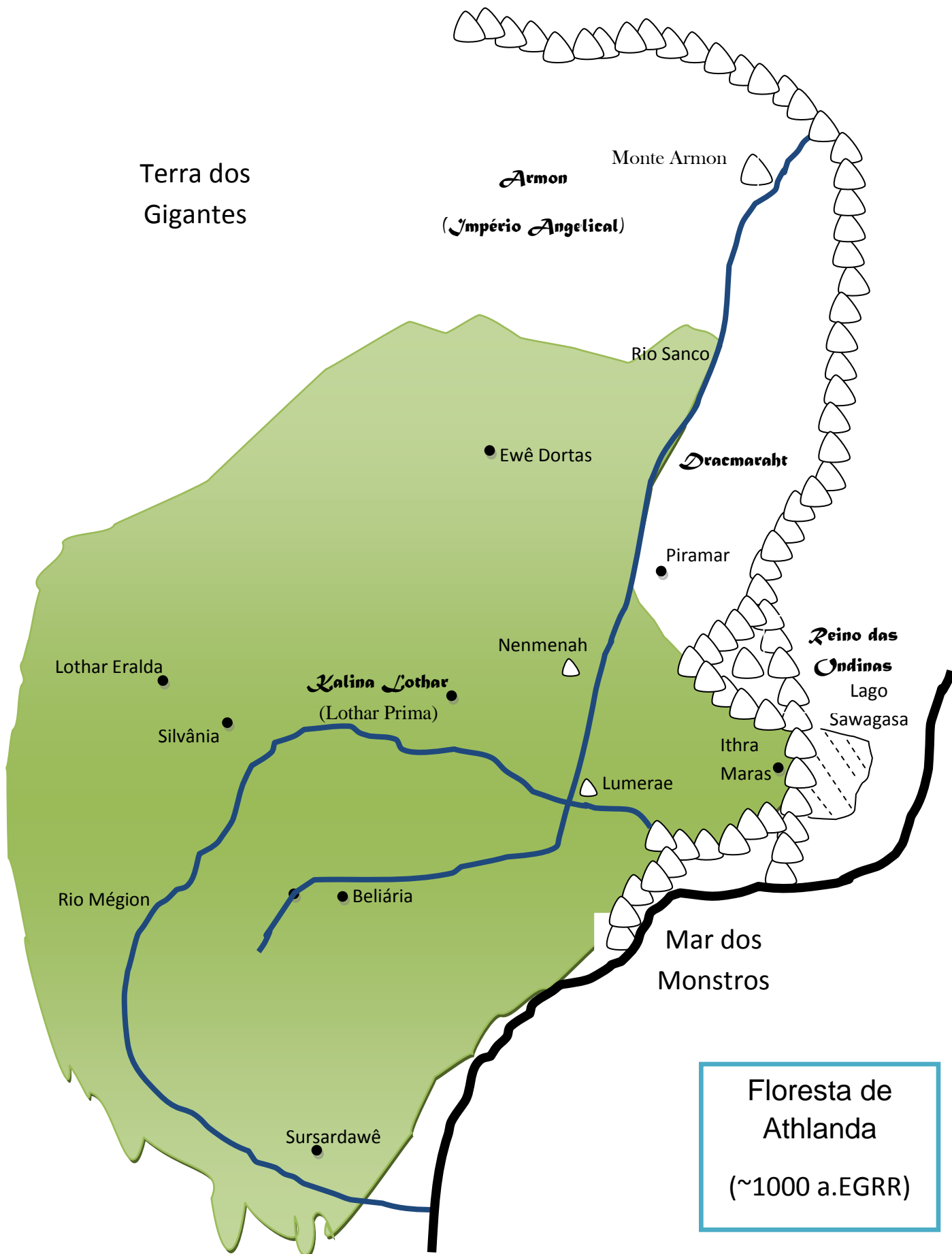
O Lamento de Athlanda

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo

“A força irresistível do holocausto se aproxima. Os elfos que sobreviverão serão aqueles que se esconderão nos buracos e frestas insondáveis. A Grande Floresta será destruída. E com ela, a harmonia do continente. Sem as árvores, virá a época do Verão Eterno e a terra será árida e escaldante. Sem as árvores, as chuvas não virão. Ou virão torrencialmente, varrendo a colheita. Sem as árvores para regular as nuvens, não haverá estações e o tempo enlouquecerá. Um tempo negro se abaterá sobre a terra, cobrindo com o seu manto todas as criaturas”.

Collinawê



Terra dos Gigantes

Armon
(Império Angelical)

Monte Armon

Rio Sanco

• Ewê Dortas

*Dracmarah*t

• Piramar

Nenmenah

• Lothar Eralda

Kalina Lothar
(Lothar Prima)

• Silvânia

Reino das Ondinas

Lago Sawagasa

• Ithra Maras

△ Lumerae

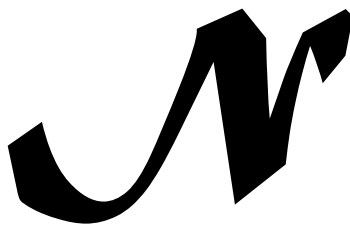
Rio Mégion

• Beliária

Mar dos Monstros

• Sursardawê

Floresta de Athlanda
(~1000 a.EGRR)



erah chegou voando em zigue-zague e

pousou resfolegante na varanda. Procurou não fazer barulho, pois o pai dormia esparramado sobre a confortável cadeira. Quando se colocou firmemente em pé, a pequena elfa bóreas parou alguns instantes a pensar. Olhou para um lado e para o outro, com as sobrancelhas comprimidas contra os olhos. Lá fora, o Sol já se punha, fazendo com que as protuberantes torres de Lothar Eralda projetassem sombras compridíssimas.

-Nerah? – sussurrou o rei.

Nerah se virou, assustada. O pai havia acordado.

-Por que chegaste tão tarde?

A menina abaixou a cabeça e lentamente caminhou até o pai. Ela não disse nada, mas o charme foi irresistível ao poderoso Rei Bhorgus. Então, ele sorriu e abriu os braços.

Diante desse gesto, a menina sorriu, feliz da vida por não ser repreendida, e correu para os braços do pai. Este a apanhou e botou-a sobre o seu colo.

-Onde esteve? – indagou ele.

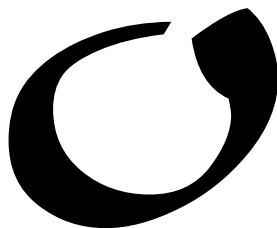
-Voando atrás das fadinhas... – respondeu a filhinha, com ar inocente.

O rei pensou que ela já estava na idade de entender certas coisas, mas nada disse. Nerah, por sua vez, cansada, bocejou.

-Ah, estás com sono, não estás? – perguntou o pai, sorrindo.

-Papai... conta uma história? – indagou a menina, cheia de charme - ...para me fazer dormir?

Bhorgus sorriu novamente e pensou que havia uma história que já estava na hora dela conhecer. Então, limpou a garganta com um som característico, para a voz sair mais suave, tratou de aconchegar a sua filha mais nova contra o peito e começou a contar:



vento pressionava seu rosto conforme se precipitava das

alturas. Iblus vinha logo atrás, mas ele não era tão rápido quanto ela. E isso lhe dava uma satisfação ímpar, como raras na vida. Mas ele estava rindo, não estava chateado. Podia ouvir as suas gargalhadas, por isso sabia que estava logo atrás. E, de repente, como nenhum contentamento é eterno, uma idéia perturbadora invadiu o seu ser: e se ele a deixava ganhar todos os vãos? E se, na verdade, ele fosse mais rápido, mas ficava propositadamente para trás? Não, não podia ser. Eles estavam sempre disputando e ele adorava vencer!

Mas a corrida estava no fim. O cheiro de Ithra já invadia o ar. A torre funerária de Mardúria já podia ser avistada, aparecendo dentre as nuvens, lá onde o seu avô havia emanado, há cinqüenta anos. E a torre lhe deu uma idéia. Tinha que provar a si mesma que era

melhor no vôo que o irmão, embora ele fosse melhor em todas as outras coisas. Então, quando passou pela torre, repentinamente virou para a esquerda contornando-a. Iblus passou reto, pois não percebeu a manobra. Assim, depois de um segundo, Ithrannah apareceu imediatamente atrás dele e, sem que ele pudesse fazer qualquer coisa... arrancou as suas calças.

Percebendo-se só de ceroulas, ele parou no ar. Colocou os punhos fechados contra a cintura e reclamou:

-Ei!

Mas Ithrannah flutuava no ar, se contorcendo de tanto rir, pressionando as calças do irmão contra a barriga.

-Não tem graça, Tix! – disse ele, verde de raiva.

Ela lhe atirou as calças. Ele sempre a chamava pelo seu nome de fada quando queria chateá-la. Bem, para os elfos aquilo era a mesma coisa que chamar alguém de criança. Nada mais ofensivo para uma pré-adolescente.

Iblus vestiu rapidamente a calça e rumou para cima.

-Ei! Papai disse para voltarmos antes da quinta hora! – gritou a elfa bóreas.

-Tchau! – respondeu o irmão, já longe.

Contrariada, Ithrannah voou até em casa. Logo avistou a grande paineira a beira do rio, próxima a um grande conjunto de cascatas projetando-se do alto das Montanhas Chorosas, e pousou suavemente na varanda da frondosa casa de madeira que se confundia com a árvore. Estava um dia nublado, um pouco estranho, e, por isso, viu que o pai trabalhava no escritório, pois uma bruxuleante luz de velas vazava pelas frestas das venezianas. Ele nunca deixava as janelas abertas por causa dos espiões tuellais.

Encontrou-o lendo uma carta, com uma cara de espanto. Quando ele percebeu a sua presença, baixou o pedaço de papel e, depois de um breve instante sorriu. Depois voltou a ficar sério de novo e perguntou:

-Onde está o seu irmão?

-Voando por aí... – respondeu ela, casualmente.

-Vai buscá-lo – disse ele, num tom entre uma ordem e um pedido.

-Mas, pai, acabei de chegar! – protestou a menina.

Então ele cruzou as mãos sobre o colo e suspirou. É claro que as mãos não podiam ser vistas por trás da mesa, mas Ithrannah supôs que ele tivesse feito isso, pela posição dos ombros. Depois ele se levantou com uma expressão de quem pedia paciência para si mesmo, segurou uma das mãos da filha e a puxou suavemente de volta para a varanda. Ali era nítido e forte o som das cascatas se chocando contra as pedras.

Ele se abaixou diante da filha, ficando de joelhos e segurou-a pelos ombros. Olhou-a profundamente, com os olhos parcialmente cobertos pelos próprios cabelos e disse:

-Promete-me uma coisa, Ithrannah, que nunca sairá de perto de teu irmão!

-Mas, pai... – disse ela, um pouco assustada com a atitude do elfo notus.

-Promete-me, querida, que, não importa o que acontecer, estarás sempre ao lado de teu irmão!

-Por que, pai? – indagou ela, já com um pouco de lágrimas nos olhos. – Estarás conosco também, não estarás?

-Um dia não estarei...

-Não! – disse ela, balançando negativamente com a cabeça. – Sempre estarás conosco!

-Um dia todos morrem, Ithrannah. E não será diferente comigo – disse o pai, serenamente.

-Mas isso será daqui a muitos séculos, não será?

-Espero que sim, querida, espero que sim... – disse ele, abraçando-a.

Depois afastou-a suavemente e completou:

-Agora vai. Traze o teu irmão. Está na hora do almoço!

Ela tentou sorrir e voou, dizendo:

-Volto logo!

E, de fato, em menos de meia hora estava de volta com o irmão. Sentaram-se os três à mesa e foram servidos pelo casal de zephyros que os atendiam há décadas. Traziam os pratos sobre badejas colocadas em cima das cabeças. Tinham um aspecto permanentemente triste como muitos zephyros e também eram mudos, como a maioria deles. Por décadas, Ithrannah tentara fazê-los rir, fazendo cócegas nas suas barrigas, mas o mais que conseguira com aquilo fora que eles se transformassem em eurus e saíssem voando por aí. E, quando isso acontecia, ficavam quase uma semana sem aparecer e o pai ficava aborrecido. Então, desistira.

-Eu não quero comer cenoura. Isso é comida de gnomo! – protestou o jovem Iblus.

-Então come o resto! – disse o pai, tentando resolver o problema da maneira mais rápida possível.

Mas, tirando as cenouras, o voraz rapazinho não fez cerimônia em devorar o resto. Ithrannah observou atônita e um tanto enojada o irmão misturar pão, tomate, folhas, cebola e uma abundante quantidade de mel e enfiar grandes quantidades daquilo na boca, fazendo uma baba amarronzada escorrer pelos cantos da boca.

-Nesta tarde, quero que fiqueis em casa, estais me entendendo? Há tuellais rondando na cidade e vou estar fora, trabalhando – declarou o pai.

-Os bandidos estão dando trabalho, pai? – perguntou o menino, com vivo interesse e a boca parcialmente cheia.

-Um pouco... – respondeu o pai, sem muito entusiasmo.

-E quando vais me ensinar a ser um ailandê?

-Em três ou quatro décadas... – respondeu Bohnarius, o grande caçador de tuellais. – Precisais aprender a ter disciplina primeiro!

O menino elfo nada disse, limitou-se a olhar o pai de boca cheia, sem mastigar por alguns instantes, com cara de que não poderia esperar tanto tempo.

Algumas horas mais tarde, Bohnarius caminhava nas escuras e apertadas vielas do bairro norte da cidade. Ali, as árvores eram bastante juntas e tinham troncos espessos, restando pouco espaço para as barracas de vendedores que se espremiavam uns sobre os outros. Para piorar, uma multidão de elfos em todas as fases transitava em todas as direções. Assim, não somente o chão estava repleto de pés notus e zephyros, como também o ar estava repleto de elfos bóreas e eureus. E, nessas condições, para o chefe da polícia local, o faro funcionava muito melhor que a visão. Então, dentre aquela miríade toda de diferentes aromas e fedores, ele sentiu um leve traço de um elfo apeliotes. Leve, mas inconfundível.

Poucos tinham um dom tão apurado para farejar tuellais, mas Bohnarius era um mestre nessa arte. Mas não podia ser reconhecido, assim, cobriu a cabeça com o capuz do manto.

Seguiu o cheiro, abrindo pacientemente caminho entre a multidão, e não demorou muito para encontrar o seu alvo. Muito bem disfarçado, também usando um manto, estava um elfo suspeito, conversando com um outro na fase notus. Era discreto e tinha certeza que os transeuntes estavam próximos a um tuellai e, portanto, corriam perigo. De longe, observando por dentre as pequenas brechas móveis formadas entre os transeuntes que passavam, pôde observar o elfo notus entregando um pedaço de papel ao tuellai. Este o colocou cuidadosamente no bolso. Observou atentamente o rosto do notus, para gravar-lhe a fisionomia, mas era hora de agir.

Então, começou a andar na direção dos dois. Não se apressou, para não levantar suspeitas. Aproximava-se olhando fixamente para os dois. Cinco metros. Eles pareciam não tê-lo percebido, pois continuavam conversando. Quatro metros. Não conversavam normalmente mas, antes, cochichavam. Três metros. Logo daria a ordem de prisão. Mas, embora eles não o houvessem percebido, algo aconteceu. Um grito. Um terceiro. Um vigia.

-Ailandê!

Não havia tempo de identificar de onde a voz havia partido. Os dois suspeitos, ao ouvirem o grito, olharam para todos os lados e o viram. Hora de correr.

Bohnarius disparou na direção dos dois. Estavam perto, mas havia ainda muita gente no caminho. Derrubou vários, mas o notus correu pela esquerda e o ailandê correu atrás do tuellai. Este era ágil, mais magro e rápido que Bohnarius. Aos poucos, então, foi se distanciando por entre a multidão, derrubando vários. Jamais o pegaria assim.

Mas, felizmente, ele rumou pela rua baixa dos Murmúrios. O ailandê, portanto, seguiu pela esquerda, para passar pelo elevado. Era a sua única chance de pegá-lo. Enquanto corria, derrubando elfos e barracas, podia ver o tuellai lá em baixo, também avançando forçando a passagem dentre a multidão.

Bohnarius correu o mais que podia, começando a perder o fôlego. Tinha que melhorar a sua forma, pensou. E, então, se jogou do elevado, quase sem olhar.

Veio a cair justamente sobre o bandido, machucando vários transeuntes, e tratou logo de agarrar-lhe o manto. Como o havia derrubado, procurou posicionar o seu corpo sobre o dele, para prendê-lo. O tuellai, enraivecido, o mirou com olhos vermelhos, tão vermelhos como Bohnarius jamais vira num elfo negro, e que o assustou. Ao mesmo tempo, o bandido vociferou:

-Idiota! Estão todos perdidos aqui!

-Miserável! – gritou o ailandê. – Quem te mandou aqui?

O tuellai apenas riu e, num movimento rápido e preciso, deu uma cotovelada no rosto do policial, que resultou num hematoma que jamais sararia, tirando-o de cima do bandido. Bohnarius rolou para o lado, repleto de dor, mas ainda segurando firmemente o manto. Mas este ficou leve, pois o tuellai se desvencilhou desse item de sua roupa e fugiu rapidamente. Mas, assim, com o rosto inchado e sangrando, com a face manchada de verde, cercado pela multidão atônita, Bohnarius sorriu, feliz, pois, na sua mão direita, segurava o pedaço de papel que fora entregue ao tuellai.

#####

Na manhã seguinte, o pai mastigava alguma coisa na mesa, absorto, parecendo perdido em seus pensamentos. Os gêmeos cochichavam e sorriam. Então, um deles tomou coragem e perguntou:

-Pai, podemos ir ao festival? – indagou Iblus.

Mas o pai, preocupado com os seus pensamentos, nem prestou atenção direito na pergunta, e respondeu automaticamente:

-Claro...

Assim, as crianças sorriram e gritaram:

-Oba!

E saíram correndo. Foi somente então que Bohnarius voltou a si e percebeu que respondera sem refletir. “Bem, não é muito seguro andar pelas ruas hoje em dia”, pensou, “mas, depois de ontem, não acredito que novos tuellais surjam tão cedo. E depois... também estarei lá!”.

#####

O Grande Festival de Ithra Maras ocorria sempre no dia 14 de maio. Acontecia numa extensa pradaria, ao sul da cidade, onde se armavam imensas tendas decoradas por um sem número de fitas coloridas. Olhando-se para o norte, as grandes torres ithrianas podiam ser vistas, despontando por cima do dossel. Dezenas de milhares de elfos se concentravam ali, para o festival, sendo vários de outras grandes cidades de Athlanda, como Lothar Eralda, Sursardawê e da capital, Kalina Lothar. Mas, naquele ano de 1017 da Era dos Elfos, ninguém de Ewê Dortas e Nenmenah, as maiores cidades do norte, havia vindo. A ausência dos respectivos estandartes imediatamente foi notado por Ithrannah, mas, quando os gêmeos perguntavam a qualquer adulto a razão daquela ausência, notavam um constrangimento na resposta. “É a guerra”, diziam alguns. “Muito arriscado vir aqui”, afirmavam outros. Mas evitavam falar muito naquilo.

-Eu sei o que está acontecendo! – disse Iblus, resoluto, enquanto caminhavam passeando por entre as tendas.

-O que? – indagou a irmã.

-As salamandras destruíram essas cidades! – respondeu ele, com um tom trágico.

Iriannah não sabia se o irmão de fato pensava aquilo ou estava tentando amedrontá-la. Assim, retrucou apenas:

-Credo! Vira essa boca pra lá!

Então, avistaram um conhecido e sorriram.

-Olha! É o Easárius!

Um elfo notus, alto e esguio, a uns vinte metros de distância, ajeitava a sela de um dragão verde, cujos arreios estavam sendo seguros por dois criados humanos.

-Ei, Easárius! – gritou Iblus, acenando de longe.

Ao ouvir o seu nome, o elfo se virou e sorriu. Andou apressado até as crianças e, abrindo os braços, disse:

-Seus pestinhas!

E abraçou-as.

-Vais competir, Easárius? – indagou Ithrannah.

-É claro! Trouxeram fitas?

Então, as crianças reviraram os bolsos e tiraram longas fitas coloridas. A de Iblus era azul e a de Ithrannah, amarela.

-Ótimo! – disse o notus, apanhando as fitas. – Vinde!

Conduziu-as até o dragão de longo pescoço e cauda. Já tinha muitas fitas amarradas nessas partes de seu corpo. Algumas já estavam bem gastas e desbotadas, pois haviam sido postas em festivais passados.

-Esse é o Idomeus – disse, apontando o dragão. – Podem acariciá-lo, é manso!

As crianças olharam admiradas o dragão. Aos poucos, foram tomando coragem e acariciaram a sua cabeça, que ele abaixara na direção do dono. Como todo dragão verde, aquele tinha a cabeça pequena, do tamanho do tronco de um homem adulto.

-Agora vou amarrar as fitas – disse o elfo notus.

-Amarra a minha logo abaixo da cabeça! – pediu Ithrannah.

Assim ele o fez, colocando a fita de Iblus logo em seguida.

-Vais ganhar os jogos, não vais, mano? – indagou o menino.

-Ora! Há outros competidores muito bons. Imonarion é o favorito!

-Há – exclamou Ithrannah, – tu derrotas ele!

O irmão mais velho sorriu mas, de repente, o sorriso se foi, pois seus olhos haviam avistado outra pessoa:

-Olá, Easárius – disse a pessoa.

O elfo notus ficou ereto, saindo da posição mais abaixada, que usava para falar com as crianças.

-Olá, pai... – respondeu ele, demonstrando pouco ânimo.

-Não vais abraçar o teu velho pai? – indagou Bohnarius.

O jovem notus então sorriu, caminhou para frente e abraçou o pai.

Mais tarde, ambos, Bohnarius e Easárius caminhavam através do parque onde fora montado o festival. Passavam pela multidão de transeuntes. Elfos de todas as fases brancas compravam bugigangas e conversavam animadamente.

-E então, – indagou o pai, enquanto caminhava, - ainda não desististes dessa idéia de se dedicar à vida militar?

-Não, pai – respondeu o filho, pensativo. – É o que quero para a minha vida. Sabes que não consigo ficar parado num lugar só!

O pai parou. Não se conformava com a escolha do filho, mas falou da maneira mais suave possível, desta vez:

-Filho... vem trabalhar comigo... Sabes que tens talento em caçar tuellais!

-Pai... discutimos isso milhares de vezes... – então Easárius baixou a cabeça e confessou: - Fui destacado para Kalina Lothar...

-Não vai, filho. É suicídio! – implorou o pai.

-Há numerosas forças concentradas lá, pai. Nada vai me acontecer!

Já estavam parados, olhando-se mutuamente, mas Bohnarius começou a andar de um lado para o outro, nervoso, gesticulando.

-Eu vi os exércitos de fogo, Easárius... Não há como lutar contra aquilo!

-Pai, vamos deter as salamandras. Vamos pará-las antes que cheguem a meio caminho de Ewê Dortas. Athlon sabe o que faz!

-Athlon não sabe de nada! Há tuellais ajudando as salamandras, Easárius, tuellais!

-Pai, vês tuellais em todas as coisas! Sei que é teu trabalho, mas...

-Interceptei uma mensagem... – confessou o pai, em voz baixa. – Os exércitos de fogo não vão rumar para Ewê Dortas, Easárius, vão atacar diretamente a capital!

-Kalina Lothar? Bogabem! – retrucou o filho, espantado. – Jamais cometeriam tal suicídio! Elas jamais tomariam a cidade... Não, fortificada demais... E os ventos...

-Jamais imaginamos que tomariam Nenmenah, não é verdade? – insistiu o pai, agora falando mais brandamente, mas demonstrando temor. – Afinal, quem imaginaria que salamandras tomariam a cidade das águas? Mas elas tomaram, Easárius, contra todas as nossas expectativas!

-É verdade isso, pai? Essa mensagem...

-Por acaso estás duvidando de teu próprio pai?

Easárius olhou bem para o pai, atônito, mas as trombetas soaram, chamando os competidores para os jogos.

-Vai – disse o pai, imaginando que aquela conversa não terminara ali. – Estás atrasado!

Easárius fez um sutil gesto com a cabeça e se encaminhou apressadamente para o seu dragão.

#####

O vento começou a soprar para leste. Uma singular direção, para aquela época. Os competidores se ajeitaram em suas montarias. Dragões verdes, todos com um único chifre no

alto da testa, todos abundantemente enfeitados com fitas coloridas. Segundo a tradição élfica, os que portavam mais fitas eram aqueles que carregavam maior número de esperanças, e a esperança era capaz de grandes feitos. E o de Easárius era um dos mais enfeitados. Fitas novas e fitas antigas. A mais significativa delas, a fita da mãe, vermelha, desbotada e rasgada, colocada na base do pescoço do dragão pouco antes dela ir. Easárius acariciou a fita, enquanto tentava se concentrar na competição. Eram dezoito nessa bateria. Os jogos estavam apenas começando.

A trombeta soou. Todos largaram rapidamente, voando pelo céu com as suas montarias. Easárius ficou para trás. Estava distraído nos pensamentos e não percebeu direito o instante da largada. Os competidores passaram pelas argolas. Três. Situadas a vinte e cinco metros do chão. Fixadas em colunas de madeira. Eram estreitas. Mal dava para o dragão passar. Mas todos passaram com facilidade. Easárius era o último e imaginou que não seria fácil naquele ano. Mas rapidamente recuperou espaço. Ultrapassou os oito mais lentos e continuou avançando. A trajetória consistia em voltas em torno do campo. Assim, todos poderiam ver o que acontecia. Agora era a vez das argolas móveis. Eram suspensas por cabos e presas em estruturas de madeira. Todo competidor deveria passar por três delas em sequência. Era difícil. Aquele que tocasse nos aros era desclassificado. Dois ou três tocaram, mas os outros passaram. E Easárius era mestre nessa etapa. Assim, ultrapassou mais uns três. Agora vinha as argolas de fogo. Foram introduzidas nos jogos depois que as salamandras se insinuaram além do rio Sanco.

Quando Easárius as viu, uma miríade de lembranças tomou conta do seu ser. Ninguém acreditava que as salamandras pudessem atravessar um grande rio. Mas elas o fizeram. Arrancaram enormes árvores do chão e as jogaram em grande quantidade no rio, até que entupissem a sua superfície, criando uma espécie de plataforma. Depois jogaram entulhos em cima e passaram com os seus exércitos. Ouvira dos lábios do próprio Grande Rei, numa grande audiência, que cada uma daquelas árvores mortas doeu fundo na sua alma. Mas a dor do rei não seria suficiente para deter as elementais do fogo. Através do Sanco, trezentos mil homens de fogo passaram, bem como dezenas de milhares de leões e pássaros de fogo, e também símios salamândricos, miríades de dragões, cinco espécies diferentes, e outras estranhas criaturas e, é claro, vinte e cinco mil salamandras.

Tinha medo do fogo, mas passar por argolas era fácil para ele. Era só fechar os olhos no último instante e estava tudo bem. E já estava em quarto. Agora vinham os alvos. Primeiro os fixos. É claro que seria fácil acertá-los, não fosse a velocidade. Agora era a etapa em que, quem fosse rápido, poderia ultrapassar os demais. Quanto menos rápido o dragão voasse, maior a probabilidade de acertar, mas aí poder-se-ia ser ultrapassado pelos outros.

Easárius fez o que sabia: retardou um pouco a velocidade do dragão de forma a poder ter a certeza de acertar. Mas aí **ele** apareceu. Veio de trás com o seu velho dragão. Aquele que carregava apenas uma fita. Uma fita roxa. Todo mundo sabia que era de sua finada amada. Ele, Imonarion, veio rápido como um raio. Disparou um sem número de flechas acertando todos os alvos, os fixos e os móveis, tomando a dianteira da competição. Easárius até ficou poucos instantes observando-o, movendo-se a frente lentamente. E não soube se

fora uma peça pregada pelos seus olhos, mas pareceu tê-lo visto piscar para ele. Então, desanimou um pouco. É claro que Imonarion iria vencer novamente os jogos.

#####

Mas os jogos não tiveram fim. No segundo dia, bem na hora dos competidores se prepararem, uma comitiva da capital invadiu o parque. Uma centúria de arqueiros alados da força militar do leste. O centurião anunciou que o rei Athlon convocava todos os membros da reserva e os licenciados. Isso incluía praticamente todos os competidores.

Bohnarius se adiantou e indagou:

-Centurião, qual o motivo da convocação?

-Os exércitos salamândricos rumam para Kalina Lothar! – foi a resposta dele.

Toda a multidão que o ouvia ficou em silêncio. Todos sabiam o que aquilo significava. Bohnarius olhou para o filho mais velho, à distância. Este o pressentiu e retribuiu o olhar aflito. Mas aquele fitar mútuo durou pouco, pois Easários tratou logo de rumar para a tenda onde estavam os seus pertences. O pai foi atrás. Entrou na tenda vociferando:

-Não vai, Easários!

-Como não? – indagou o filho. – Fui convocado!

-É loucura!

-Pai!

-Vou providenciar para ti uma dispensa. Direi que vais trabalhar comigo! Há tuellais ajudando as salamandras e precisamos descobri-los.

-Pai... – Easários nem sabia como dizer aquilo. – Não vão acreditar em ti...

-Não vai! Espera-me aqui! – e saiu apressadamente.

O filho pensou por alguns minutos. Mas decidiu ir. Mais tarde, quando o pai retornou à tenda, não o encontrou mais.

#####

Dois dias mais tarde, o elfo notus que passou a mensagem ao tuellai foi preso. Bohnarius dirigiu-se à sua cela e entrou para interrogá-lo.

-Muito bem, conta-me tudo! – gritou o policial, tentando intimidar o prisioneiro.

O elfo o olhou com rancor, resmungando baixinho:

-Jamais saberás por estes lábios!

-Se cooperares, sua pena será abrandada – Bohnarius tentou uma abordagem mais diplomática.

-Não tens provas contra mim! – desfiou o prisioneiro.

-Bastará uma palavra minha para apodreceres pelo resto da vida nos calabouços de Al-Nazir!

O elfo olhou para o chão, parecendo perturbado. Depois decidiu que não faria diferença alguma contar ou não:

-A nação élfica está condenada! Não há o que fazer! – gritou o prisioneiro, com uma voz rouca e sinistra. – A cada dia que passa, o cristal verde perde poder. Não há como deter as salamandras!

-Então decidiste te aliar a elas, não é?

-Não é o que todos deveríamos fazer? Elas nos prometeram a sobrevivência!

-Sobrevivência? – indagou espantado Bohnarius. – Salamandras não têm escrúpulos! Não têm palavra. Foram criadas para matar e destruir. A vida perece por onde elas passam. Um milhão de quilômetros quadrados de florestas já foram queimados por elas!

-Quem se importa com a floresta, quando é a nossa sobrevivência que está em jogo?

-Quem se importa com a floresta? – protestou Bohnarius, indignado. – A floresta é a nossa sobrevivência!

-A natureza foi criada para nos servir. Devemos nos apropriar dela! As árvores estão aí para que as usemos. Não há nada de sagrado nelas! Se as salamandras querem queimá-las, que seja!

Bohnarius olhou atônito para aquele elfo. Tentou entender o seu pensamento, mas não conseguiu. Não conseguiu adivinhar de onde vinham aquelas idéias. Como poderia um elfo admitir a destruição de uma única árvore?

-Não é verdade que a natureza está a nosso serviço. Se destruímos a floresta, também seremos destruídos.

-Bobagem! Os gnomos retiram ouro da terra e com isso obtêm riqueza. Os homens cortam as árvores para alocar o gado, e com isso podem ter uma vida farta. Por que nós não podemos fazer o mesmo? Podemos extrair o que precisamos da natureza sem se importar com ela. Ela é nossa escrava!

-Tu és doente! – exclamou vagarosamente o ailandê, olhando fixamente para o seu interlocutor. Pensou que tais pensamentos somente poderiam ser resultado do enfraquecimento do cristal verde. Isso significava que, logo, mais elfos pensariam assim. Então, seria o fim da civilização e cultura que conhecia. A civilização dos construtores de cidades entre as árvores. As cidades dançantes como os conveses dos navios. Seria o fim de Athlanda.

#####

Mas, em agosto daquele ano, um aiê-juellai, ou arqueiro montador de dragões, foi encontrado ferido nos arredores da cidade por um grupo de ailandês, assistentes de Bohnarius, e foi levado até o palácio do rei de Ithra Maras. Bohnarius também foi chamado.

Contudo, o rei também havia se deslocado em socorro a Kalina Lothar, então, em seu lugar, fora nomeado regente o filho do rei, o príncipe Scilion, um jovem elfo notus recém passado pela cerimônia do ingewê, a qual representa a fixação do elfo na sua fase mais madura, ou entrada na fase adulta.

Estavam naquele salão o próprio príncipe, Bohnarius, que também era o tio do primeiro, o aiê-juellai e Patsinah, a feiticeira. O chão estava oscilando mais forte naquele dia, já que ventos furiosos vinham de noroeste. As luzes da manhã penetravam suavemente pelos vitrais, tornando o recinto parecido com o interior de uma floresta entristecida. O ferido havia recebido os primeiros tratamentos médicos, mas apresentava queimaduras sérias e cortes profundos. Assim, veio trazido em uma espécie de maca.

O príncipe Scilion andava de um lado para o outro, com as mãos unidas às costas, impaciente, antes do sobrevivente ser trazido. Mas Bohnarius via o medo estampado na face do seu jovem sobrinho.

Ao ser colocado diante do príncipe, o sobrevivente foi logo dizendo, falando como podia, com os olhos arregalados, parecendo ainda presenciar o terror:

-Quando saí da capital, Kalina Lothar estava em chamas... Um fogo tão imenso consumia nossas torres que, mesmo sendo o meio da noite, tudo parecia claro como o dia. Vi prédios antigos, tão altos quanto as nuvens, em poucos minutos serem reduzidos a pó... Ruíam em grande estrondo e estalar, assim que se transformavam em cinzas... As forças salamândricas nos abateram sem piedade, mandando centenas de milhares de elfos para o inferno. Um rastro de fogo surgia por onde elas passavam... fazendo com que Athlanda queimasse em todas as direções... – Sua narrativa era entremeada com sussurros, gritos e tremores. – Não estais sentindo o cheiro de queimado?

Ninguém ali sentia qualquer cheiro diferente, mas o sobrevivente não podia se libertar do odor dos corpos carbonizados.

-E depois que tudo estava em ruínas... – continuou o relato, - elas continuaram rumando para o sul, como se nada tivesse acontecido!

-Para o sul? – indagou o príncipe, espantado, como se não acreditasse no que tinha ouvido. – Não entendo... Por que poupariam Ewê Dortas?

Bohnarius pensou por alguns instantes, temendo pelo pior. Depois concluiu:

-Não têm interesse por Ewê Dortas. Uma presa fácil para mais tarde. O que elas farão é dividir a Floresta ao meio, rasgando-a de norte a sul.

-Mas elas terão que atravessar o Mégion... – objetou o príncipe. – E isso é... é impossível!

-Atravessaram o Sanco, não foi? Atravessarão o Mégion também! – sentenciou o ailandê.

-O que faremos, tio? – indagou Scilion, quase desesperado.

-Com a queda de Kalina Lothar... a nação élfica não tem mais esperança... – admitiu Bohnarius, falando absortamente. Depois se virou para o sobrevivente e indagou:

-E o rei? Sobreviveu?

-Que rei? – indagou o aiê-juellai, sem saber a que rei seu interlocutor se referia. – O amado Irineus pereceu em batalha. Quanto a Athlon... da última vez que eu o vi, rumava para sudoeste...

Ao ouvir que o pai havia perecido, o jovem príncipe se jogou no trono, chocado. Bohnarius pensou nas possibilidades que lhes restaram e somente via uma única esperança:

-Vamos abandonar Ithra Maras... – disse.

-Abandonar a cidade? – indagou o príncipe, ainda mais assustado. – Por que?

-Temos que rumar para o oeste, Scilion. Cara elfo adulto, macho e fêmea, cada idoso e cada criança. Nosso país está condenado. Vamos para o oeste, para Karnevion. Creio que é para lá que Athlon vai. Deve estar levando o cristal. Todos os elfos devem se reunir lá, para protegermos o que nos é mais precioso!

Scilion sabia que Bohnarius se referia às pedras fulfilliari, onde as almas dos elfos estão guardadas. Mas a idéia, em si, era assustadora demais. Assim, não conseguiu decidir. Seu estômago revirou, ficando com um ímpeto forte de vomitar. Começou a suar frio. Depois, transformou-se num bóreas e começou a rir e a chorar ao mesmo tempo. Segurava firmemente nas laterais do trono, para resistir ao ímpeto de voar.

Mas aquilo não era anormal para um elfo. Especialmente considerando o quão jovem era.

-Usaremos os ventos... Zephyros nos ajudará... – disse, gaguejando, com grande dificuldade o príncipe, suando. Mas Patsinah, que estivera calada até então, rompeu o silêncio:

-Os ventos as vezes aplacam o fogo, mas também podem excitá-lo.

Bohnarius imaginou que ela tinha razão. Havia elfos ajudando as salamandras. O que ela saberia sobre os tuellais?

Depois, ela fitou o vazio, parecendo entrar num transe, e continuou:

-As lágrimas das montanhas secarão. Até o céu parará de chorar, pois o fogo virá e a tudo consumirá. A terra ficará nua, envergonhada. O solo estará coberto de cinzas e a vida nele cessará. O esplendor da civilização élfica chegou ao fim!

Bohnarius olhou desconfiado para ela. Concordava com o que ela dissera, mas não era necessário ser vidente para concluir aquilo. Sempre achou que as Montanhas Chorasas

choravam por algo e que um dia, como todos os que choram, as lágrimas cessariam. Mas desconfiava das feiticeiras. As vezes tinha a impressão que eram charlatãs e que nada diziam de valor. Contudo, outras vezes observava-as fazer coisas inexplicáveis, mas não sabia se de fato eram milagres ou fenômenos que ainda desconhecia.

Entretanto estava preocupado em convencer o príncipe – que, com a morte do pai, agora seria rei – em evacuar a cidade. Mas o jovem olhou o tio perdido, parecendo não saber o que fazer e a grã-feiticeira também não parecia se objetar à partida. Então, naquele momento, Bohnarius sabia que a grande Ithra Maras seria uma cidade fantasma.

#####

Contudo, a evacuação de uma cidade daquele porte não era uma coisa trivial. Foi necessário juntar mantimentos, confeccionar armas, construir carroças para os debilitados, recolher ou destruir informação que não poderiam cair nas mãos das salamandras, soltar criminosos e prisioneiros, além, é claro, de convencer os reticentes. Assim, a partida somente foi possível em 17 de setembro, quando um contingente de cerca de duzentos e cinqüenta mil elfos e cinqüenta mil servos humanos, a maioria a pé, deixou a cidade. Mesmo assim, cerca de trinta mil, um contingente pequeno sob o ponto de vista de Bohnarius, ficou para trás, observando, com corações constrangidos, aqueles que partiam.

Partiram por uma das inúmeras estradas secretas que cruzavam a grande floresta de Athlanda. Quem não fosse elfo poderia julgar que aquilo não era estrada alguma. Era um caminho com muitas curvas e zigue-zagues, onde árvores mortas ou condenadas haviam sido retiradas, respeitando-se a vida na floresta, formando picadas onde pudessem passar as carroças especiais élficas. Tais carroças eram bastante estreitas e as rodas eram montadas em esteiras que podiam passar com relativa facilidade sobre tocos e vegetação rasteira. Além do mais, essas estradas não podiam ser vistas do alto, pois eram ocultas pelas árvores mais altas.

O jovem rei Scilion rumava a frente, montado num ornamentado cavalo branco, com vestes adornadas, abarrotadas de cristais coloridos. Mas, na primeira oportunidade, numa hora em que poucos olhavam diretamente para o príncipe, Bohnarius aproveitou a oportunidade e derrubou o sobrinho do cavalo. Ele se levantou rapidamente, como pôde, e olhou espantado para o tio, que se apressou em rasgar-lhe as roupas.

-Que isso, tio! Sou vosso rei! – gritou ele, indignado.

-Tolo! Sai já desse cavalo e trata de te vestires como todos os outros! – respondeu o tio, em alto tom. – Assim não serás um alvo fácil e ganharás o respeito dos demais! De que adiantaria para nós um rei morto?

É claro que o príncipe não se objetou às admoestações do tio e logo Bohnarius mostrou quem mandava ali, pois organizou a caravana, estabelecendo batedores, nomeando médicos e atribuindo a cada grupo tarefas específicas. Seu maior temor era o fato de praticamente não contarem com soldados, pois todos haviam se retirado em auxílio à capital. Restou apenas a guarda real e os policiais da cidade, e estes já estavam antes sob o seu comando.

Na distribuição de armas, foi caminhando ao longo da coluna, indagando quais os jovens notus que há mais tempo haviam passado pelo ingewê. Depois, aos bóreas, quais estavam mais próximos do ritual de passagem. E isso era o melhor que podia fazer a respeito da guarda da caravana. Quanto aos batedores, teve que recorrer aos jovens e indisciplinados bóreas. Formou grupos deles e os mandou para os quatro cantos. Mas, entre tais jovens estavam os seus próprios filhos. Estes, com a cara mais animada que um bóreas pode ter, pediram:

-Podemos ajudar? – e, como anjinhos, expuseram todos os dentes ao mundo.

O primeiro impulso de Bohnarius foi um curto e grosso “não”, mas não poderia fazer diferença para com os seus filhos diante de toda aquela gente. Não seria bom para a comunidade. Assim, deixou-os ir. Mas recomendou:

-Jamais sai de perto um do outro! Entenderam?

Ambos os anjinhos balançaram a cabeça afirmativamente e se foram, felizes da vida, voando sobre o dossel.

Assim, grupos de bóreas sobrevoavam os arredores o tempo todo e certamente avistariam a aproximação de qualquer dragão. Além disso, batedores notus acompanhavam a caravana sem tocarem o chão, percorrendo o caminho através do dossel, saltando de um galho a outro. Quanto aos pequeninos eurus, não havia o que fazer com eles. Silfos e fadas eram pequenos, rápidos e espertos demais para que qualquer ser salamândrico os pegasse. Os mais frágeis, na verdade, eram os zéphyros, pois não voavam, eram frágeis e chorões e também não podiam correr direito, pois as pernas eram curtas e nem mesmo conseguiam subir nas árvores. Os elfos em tal fase se pareciam mais com gnomos do que elfos propriamente ditos.

Então Bohnarius conseguiu definir precisamente o que era aquela caravana: “Um bando de crianças, velhos e doentes escapando de um exército de centenas de milhares de seres de fogo”.

Mas o que o ailandê mais temia era a chegada da noite. É claro que na escuridão, um homem de fogo inflamado era melhor visto, mas eles pouco poderiam fazer diante da aproximação de salamandras desinflamadas pois os elfos não são como os gnomos que enxergam bem no escuro, embora os elementais do ar pudessem ver coisas que outros seres não viam, como os rastros da urina dos animais.

E foi ao cair de uma noite que aconteceu algo, depois de cerca de dez dias da partida.

Estava Bohnarius e mais um jovem ailandê notus percorrendo a estrada a uns três quilômetros a frente da caravana, que já havia parado por aquele dia, quando, enquanto conversavam, um impulso de raiva tomou conta de sua alma. O jovem fazia comparações entre os jovens que receberam treinamento militar em Ithra Maras com os de outras localidades. O comentário dava margem para a interpretação de que o próprio filho de Bohnarius tinha formação inferior a ele mesmo. Ambos utilizavam armamento básico de todos os que assumiram o papel de protetores da caravana: duas cimitarras cruzadas nas costas,

junto com uma aljava, e um arco atravessado no peito. Diante do comentário, Bohnarius retirou uma das cimitarras das costas e ameaçou o companheiro, gritando com uma voz colérica:

-Retira o que disseste!

O jovem olhou espantado para ele, mas logo pareceu encolerizar-se também. Retirou uma de suas próprias cimitarras e, colocando-a em riste, desafiou:

-Pois não retiro!

Bohnarius o conhecia desde que era um bóreas. Sempre foram grandes amigos. Então, ele hesitou por alguns instantes, e percebeu o que estava acontecendo. A idéia era desconcertante, especialmente por estarem ainda bem perto de casa.

-Lódus... é um dragão sinistro!

O rosto do jovem passou de uma expressão de ódio para espanto, enquanto que o elfo mais velho continuou:

-Ele induz pensamentos funestos em nossa mente!

O jovem ficou pasmo e, agora, com um misto de rancor, espanto e medo, disse:

-Eu sei...

Então, ambos se viraram segurando suas armas. Deram as costas um para o outro olhando o arredor, a espera do aparecimento do dragão.

-E sabias também que eles costumam atacar as suas vítimas à noite, especialmente no cair dela, quando o nosso espírito está mais fraco?

-Infelizmente! – respondeu o jovem.

Bohnarius estava com raiva do dragão. Queria que ele atacasse logo. Mas, com muito esforço, conseguiu manter alguma clareza na mente e se lembrou que os dragões sinistros são pacientes. Normalmente, lançam suas chamas apenas no momento final, quando têm a certeza da presa. Mas ele se lembrou também que se tratam de monstros silenciosos e que, apesar do grande tamanho, podem deslizar silenciosamente entre as árvores, sem fazer barulho, como gatos. Lembrou-se também que são negros e dificilmente podem ser avistados a noite.

-Procura os olhos! São amarelos e brilhantes como o fogo! – explicou o ailandê.

Como comprimiram as costas um contra o outro, Bohaniarius pôde sentir que o jovem tremia. Mas lembrou-se também que o dragão jamais atacaria enquanto eles estivessem assim. Embora suas faces fossem medonhas, os dragões sinistros não têm couraça protetora. Aguardaria pacientemente eles se cansarem antes de atacar. Havia a noite inteira pela frente. Espremendo a última gota de racionalidade da sua mente, Bohnarius percebeu que teriam que atraí-lo. E só havia uma maneira de fazer aquilo: excitá-lo.

Então, ele se afastou do jovem, se virou e, num movimento rápido, golpeou seu ajudante com a cimitarra, ferindo-lhe o rosto, de onde brotou sangue verde.

-Crápula! – gritou Bohnarius.

O jovem, influenciado pelo campo do dragão, rapidamente se enfureceu e atacou seu superior. Este, já prevenido, com um movimento certo, arrancou-lhe a arma das mãos, dizendo vorazmente:

-Corre, se queres salvar tua vida!

Então, agora completamente submetido à influência sinistra, o medo tomou conta do rapaz. Assim, ele saiu correndo e Bohnarius foi em seu encalço, gritando impropérios, para que ele corresse cada vez mais.

Ambos penetraram numa região mais densa da floresta. O ailandê deixou que o jovem tomasse certa vantagem. Sabia que ele corria para a boca do dragão, pois sabia que, a essa altura, ele estava completamente submetido ao campo de influência da criatura. Então, Bohnarius, aos poucos, foi tomando um caminho paralelo. Se tivesse sorte, isso poderia enganar o dragão salamândrico.

Apavorado, o jovem correu sem poder prestar muita atenção nos arredores, contando com um pouco de luz que a lua projetava através do dossel. Foi quando ele apareceu.

Sem produzir qualquer ruído, surgiu de repente à frente do rapaz, abrindo suas enormes mandíbulas cheias de dentes, prestes a cuspir fogo. Mas, quanto estava em vias de liquidar a sua vítima, num salto de mais de quatro metros, Bohnarius surgiu com a sua cimitarra em punho... e cortou o pescoço do dragão.

A cabeça rolou aos pés do rapaz que, a essa altura, já havia se transformado num zéphyros.

#####

E nada mais ocorreu de extraordinário nas próximas semanas. Assim, em primeiro de novembro finalmente chegaram às imediações do Monte Lumerae, próximo ao cruzamento dos grandes rios. Em torno do Monte, havia várias aldeias. Eram comunidades isoladas e com costumes diferentes. Lá, elfos, gnomos e humanos conviviam em igualdade, de forma diferente de todas as cidades e vilas élficas, onde os humanos eram meros servos.

A comunidade recebeu a caravana com desconfiança, mas também com pesar. A maioria dos elfos de Ithra Maras era relativamente rica. Desta forma, compraram muitos mantimentos nessas vilas.

Mas, no mesmo dia que chegaram, constataram que não poderiam avançar mais. Alguns elfos do local levaram Bohnarius até o lado oeste do Monte, no início da manhã, à beira do precipício que limita o Rio Sanco e, de lá, puderam avistar, estendendo-se até a vista não mais alcançar, do lado sul do Rio Megion um imenso campo com labaredas. Do espesso dossel

verde que lá havia, nada mais restara, exceto a fumaça que ainda se elevava, carvão e fuligem. Podia-se ver que o campo estava apinhado de homens de fogo, divisões militares marchavam de um lado para o outro e uma cidade estava sendo construída próxima do centro do campo de visão.

É claro que o coração do ailandê se apertou no peito, pois não há nada mais doloroso para um elfo do que a extinção de uma floresta, uma árvore tombada ou a perda dos filhos. Por onde a vista percorresse, não se podia ver uma única árvore de pé, afinal, o fogo era inimigo da madeira e do vento. E a corrente de ar que vinha do noroeste trazia um cheiro que somente os elfos podiam sentir: um cheiro de morte.

Bohnarius pensou no filho mais velho e orou a todos os ventos para que ele estivesse bem.

Dragões rubros sobrevoavam o local. De vez em quando mergulhavam e agarravam algum animal de grande porte torrado pelas chamas. A eles se juntaram gigantescos abutres do norte, atraídos por carcaças em putrefação.

Aquilo tudo soou a Bohnarius como um canto triste e fúnebre, um coro contínuo e lamentoso, o lamento de Athlanda.

#####

Mas o lamento deu ensejo à raiva. Quando voltou à aldeia em que estavam, já vinha batendo os pés contra o solo. A primeira coisa que fez foi ter com os filhos. Praticamente ordenou que eles o seguissem. Então, penetraram fundo na floresta. Ithrannah e Iblus quase não podiam acompanhá-lo. Assim, desistiram de ir andando e passaram a voar entre as árvores. De repente, Bohnarius parou e se virou, fazendo com que as crianças bóreas quase se chocassem contra ele.

-Ambos tendes mais que cinqüenta anos, não é mesmo? – disse ele, parecendo furioso. As crianças ficaram imaginando o que haviam feito e tiveram quase a certeza de que vinha castigo por aí. – Então está na hora de saberdes algumas coisas! O que vedes à vossa volta?

Os gêmeos se entreolharam, desconfiados, sem saber onde o pai queria chegar. Mas ele, sem paciência suficiente para esperar pela percepção dos filhos, acabou dizendo:

-Árvores! É o que tendes. Árvores! E sabeis o que isso significa?

Os filhos continuavam não entendendo nada. Mas Bohnarius não estava com paciência para aguardar pela perspicácia de seus rebentos:

-Vida! É o que tendes! Vida!

As crianças se mantinham espantadas. Iblus passou até a desconfiar da sanidade do pai. Mas este tinha lá as suas razões, pois baixou a voz e passou a olhar para o nada, ao mesmo tempo assustado, irado e triste:

-As árvores... elas são tudo, entendeis? Elas controlam tudo, elas... – então se virou, olhou os filhos nos olhos e assim prosseguiu: - ...as nuvens que estão no céu, as chuvas, a temperatura, nossa comida... nossas almas... As árvores são tudo o que temos além de nós mesmos, entendeis?

Elas ficaram alguns segundos caladas, mas, como houvesse ali uma tensão por alguma resposta, Ithrannah acabou se pronunciando:

-É claro, pai. As árvores nos dão abrigo e nos ocultam das salamandras.

-Não, Ithrannah, é muito mais que isso! – exclamou o pai, se afastando um pouco dos filhos. Depois, ele pensou um pouco, imaginando como iria explicar, mas, como era prático, o fez utilizando o menor número possível de palavras.

-Ora, sabeis que as árvores são vivas, não sabeis?

-Sim, pai – responderam em uníssono.

-Pois bem, então elas têm que se alimentar como nós, não é?

As crianças balançaram afirmativamente as cabeças.

-E de onde vem o alimento das árvores?

Quase imediatamente, Iblus arriscou um palpite:

-Da terra! Ele sobe pelas raízes!

Bohnarius quase sorriu diante da resposta do filho. Depois, prosseguiu reassumindo uma postura séria:

-Não, Iblus. Nós somos os elementais do ar e nossa ligação forte com as árvores é um indício de que o alimento das árvores provém do ar. A madeira, meus filhos, vem do ar!

Os filhos se espantaram com a afirmação. Iblus coçou a cabeça e Ithrannah franziu o cenho. Bem, as primeiras décadas de educação na escola, segundo os costumes élficos, estavam baseadas na ética, nas línguas e na história. Eles apenas seriam iniciados na ciência e na matemática anos mais tarde, daí não terem aprendido ainda esse ensinamento.

-Olhai – continuou o pai, pegando uma folha de uma das árvores, sem arrancá-la – debaixo das folhas existem pequenos orifícios, os estômatos, que não podem ser vistos de tão minúsculos. Há um grande número deles cobrindo a superfície inferior da folha. São as bocas das árvores. Por aqui, a substância gasosa que formará a madeira entra. E por esses orifícios as árvores podem se comunicar com o ar.

-Comunicar? – indagou Ithrannah. – Como assim?

-Por esses orifícios – respondeu o pai – a árvores não somente absorvem coisas do ar como também emitem. Algumas das minúsculas coisinhas invisíveis que a árvores expõem para o ar faz com que as nuvens se formem e, com isso, traz a chuva!

Iblus já estava com a boca aberta e Ithrannah, curiosíssima.

-Quer dizer que as árvores controlam a chuva? – indagou ela.

-Exatamente, Ithrannah, as árvores controlam a chuva. Sem elas, as nuvens não se formam. Sem as árvores, nada de chuva!

Os jovens elfos se entreolharam um tanto surpresos e um tanto desconfiados. Será que o pai estaria brincando? Não, não parecia.

-As árvores fazem com que chova quando está muito seco e retardam a chuva quando a terra está encharcada. Sem as árvores poderíamos ter chuvas torrenciais também. – Depois o pai ficou uns instantes em silêncio, e, então, olhando para o nada concluiu: - Mas temo que, sem as árvores não mais choverá aqui. Então, os rios se transformarão em riachos e os riachos desaparecerão...

Os filhos ficaram também entristecidos, pois sentiram o lamento do pai. Estaria isso acontecendo?

-As raízes de todas essas árvores – disse ainda o pai olhando ao redor – em conjunto criam embaixo da terra uma espécie de esponja que retém água. Então, a água segue através das raízes, tronco e caules e é expelida pelos estômatos. Assim, as árvores mantêm o ar úmido e fresco e menos sujeito a variações de temperatura. Sem as árvores, a terra secará e não se poderá plantar mais nada. O ar também estará seco. Os dias serão tórridos e as noites terrivelmente frias, como acontece no deserto.

-Não vai acontecer isso, não é, pai? – indagou o menino.

Bohnarius queria dizer-lhe que não. Queria pegá-lo no colo, sorrir, e dizer “é claro que não!”. Mas não podia fazer isso. Então, calou-se.

#####

Diante da impossibilidade do avanço, mais tarde houve uma grande reunião, numa ampla tenda que fora armada para abrigar o príncipe e o governo provisório de Ithra Maras. Alguns vileiros que foram convidados à reunião defendiam que o povo do leste deveria construir uma grande cidade nos arredores do Monte, pois diziam que era sagrado e emitia uma proteção mágica sobre aqueles que viviam no seu entorno. Já outros se recusavam terminantemente a aceitar a presença de estrangeiros, pois temiam que eles atraíssem as salamandras. Houve uma discussão entre os dois grupos que quase levou a uma briga, mas Bohnarius pensou numa coisa diferente. Ele se levantou, ergueu ambos os braços para chamar a atenção, e discursou:

-Há um outro caminho. Não vamos construir aqui uma cidade. Precisamos chegar a Karnevion e concentrar lá todas as nossas forças. É a única maneira de deter as salamandras. Vamos passar pelo inimigo sem mesmo ele perceber!

Houve silêncio geral, pois ninguém imaginava como fazer aquilo. O silêncio somente foi quebrado com o pronunciamento do príncipe:

-E como vamos fazer isso, tio!

-O subsolo do sudeste de Lumerae é repleto de passagens. Vamos por lá!

Murmúrios tomaram conta do recinto. Uns acharam uma grande idéia, outros levantaram obstáculos.

-Mas as passagens são controladas pelos gnomos! – declarou um elfo ithrano idoso.

-Vamos falar com eles – explicou Bohnarius.

-Dadaaiô jamais nos permitirá passar em seu reino! – declarou um jovem elfo notus.

-Falaremos com ele – insistiu o ailandê.

Houve outro silêncio. A maioria duvidava que os gnomos deixariam um contingente de elfos tão grande passar pelo meio dos seus domínios. Mas havia uma gnoma no recinto, e ela disse:

-Conheço ele. Vale a pena tentar!

E assim o fizeram. Mas, antes de falar com o rei dos gnomos, Bohnarius esperou que surgisse um dia em que o céu estivesse nublado e selecionou dois elfos notus que sabiam montar em dragões. Então, despachou-os pelo céu. Sua missão era investigar os limites da ocupação salamândrica e verificar se havia algum local para que a caravana emergisse do subsolo. Então, um pequeno grupo – entre eles, Bohnarius e o príncipe – partiu para a entrada dos subterrâneos, que ficava a sudoeste do cruzamento dos rios. Após caminharem cerca de trezentos metros naquela passagem já foram cercados por um bando de gnomos armados com estilingues. Bohnarius sabia que aquelas não eram armas de brinquedo, pois as pedras por elas lançadas podiam ferir mortalmente. Mas ele sabia falar suficientemente bem o mirariês, a linguagem geral dos gnomos. Então, explicou a situação de seu povo, apresentou o príncipe Scilion e solicitou uma entrevista com Dadaaiô.

Assim, foram conduzidos, escoltados por vinte soldados gnômicos. Andaram por cerca de três quilômetros, percorrendo um labirinto indecifrável para quem não conhecesse muito bem aquelas passagens. Durante todo o percurso, Bohnarius sentiu que estavam descendo. Conforme se aproximavam da cidade subterrânea, os elfos se surpreenderam com a crescente atividade: uma grande quantidade de gnomos cavava a procura de minerais e abrindo novas passagens, que eram escoradas por paredes de pedras. O ailandê perdeu a conta de quantos corredores forrados com blocos de pedra passaram. Aquelas, claramente, eram passagens artificiais, cavadas na terra e na rocha. Mas o mais impressionante, para Bohnarius, foi observar um crescente número de gnomos transportando alimentos, em sacolas de couro, para a cidade, vindos não se sabe de onde. Beterrabas, cenouras, batatas e um sem número de tubérculos. Impressionante também foram os imensos bolsões de cultivo de fungos nas profundezas daquele lugar iluminado apenas por tochas e pedras *fuellai*, que emitem uma luz azulada.

Então chegaram ao grande portão de ferro que guardava a entrada de Erasmus Nor. Bohnarius se deteve por alguns instantes, para admirar o portão. Era constituído por duas

folhas, sendo que apenas uma delas estava aberta. Tinha pelo menos doze metros de altura e uma espessura de um metro. Era feito de ferro fundido. Na sua superfície estavam gravadas em alto relevo figuras da história gnômica e dizeres em mirariês. Bohnarius ficou se perguntado como os gnomos faziam para mover aquele portão, pois devia ter um peso incomensurável. Mas, quando passaram por ele, a visão de uma dúzia de trolls verdes acorrentados e em hibernação redimiu as suas dúvidas.

Mas, ao passar pelo portão, uma estranha sensação no coração era inevitável diante da visão da segunda capital gnômica, pois um imenso bolsão se apresentou, revelando um ambiente vigoroso, constituído por milhares de gnomos se dirigindo apressadamente, ou nem tanto, de um lado para o outro. E Bohnarius sabia onde estava. Estava num lugar famoso, mas que não imaginava que seria tão vigoroso assim: o mercado de carnes de Eramus Nor.

Milhares de vendedores passavam pelo portão trazendo antas, capivaras, tatus, coelhos, pacas e até aves para serem vendidos no mercado. Os gnomos eram grandes apreciadores de carnes, a despeito disso enojar a maioria dos elfos. Milhares de gnomos e gnomas também vinham ali para comprar as carnes e, como eles mantinham uma ferrenha tradição de barganhar, isso fazia com que aquele lugar fosse um dos mais barulhentos que Bohnarius havia estado na vida.

Eramus Nor era uma cidade vigorosa. Tratava-se da capital de um dos três reinos gnômicos da Era dos Elfos. A segunda em ordem de importância. A terceira era Olmea Cratus, ao sul de Surkarnevion e nos limites do reino dos gigantes e a primeira era a opulenta Minas Gnéssia, ao sul, na foz dos rios Fulcro e Voliatis.

Após o mercado, passaram pelo segundo portão, que deu lugar aos bairros residenciais da periferia. A maioria das casas era feita de pedras. Outras não passavam de cavernas escavadas nas paredes das passagens ou até mesmo no chão. Mas penetraram no centro da cidade apenas após passar pelo terceiro portão, por trás do qual estava a parte mais rica da cidade: um opulento conjunto de bolsões forrados com pedras, onde os gnomos construíram suntuosos palácios.

Mas Bohnarius não se impressionou com os palácios. Pensou nos portões e, a princípio, imaginou que Dadaaiô era esperto, pois as salamandras jamais conseguiriam derretê-los, uma vez que necessitariam de energia demais para aquilo. Nem o mais vigoroso dragão poderia dar conta de passar por aquelas massas de ferro. Mas, quando ele entrou no palácio do rei, quando ele se postou diante de Dadaaiô no salão principal, outra impressão tomou conta do seu ser. O elfo não era supersticioso, mas o seu refinado olfato de elfo lhe trouxe uma sensação desconcertante: um cheiro de morte.

Ele tentou afugentar pensamentos funestos de sua mente, convencendo-se de que era apenas uma impressão falsa, gerado por aquele ambiente pouco iluminado. Mas o que Bohnarius não podia saber, nem adivinhar, é que as salamandras, na verdade, entrariam na cidade, então o cheiro que sentia era um prenúncio da derrocada daquela sociedade. Mas isso somente aconteceria no ano de 581 da Era das Salamandras, durante a Guerra dos Trapos, quando tanto Eramus Nor quanto Olmea Cratus cairiam, restando apenas Minas Gnéssia como o último baluarte gnômico, a qual resistiria até a Era dos Grandes Reis e Rainhas, protegida

pelas águas que a contornavam. Mas, o cheiro que Bohnarius sentia era um cheiro indelével vindo de seis séculos no futuro, quando duzentos mil elfos pereceriam em auxílio aos gnomos, muitos deles nesse mesmo salão.

Tão pouco ele poderia adivinhar que a tragédia que se abateria sobre os gnomos no futuro adviria de suas próprias ações, uma vez que somente uma criatura na face da Micropella poderia derreter aqueles portões: o grande dragão rubro Pharmagon, que agora estava adormecido, hibernando no interior de um bloco de gelo, que fora transportado por gnomos, há quase dois mil e quinhentos anos atrás, a partir das eternas terras geladas do sul, até o Templo de Malar, em Machu, onde agora repousava silenciosamente, sob a guarda dos arquimagos da Ordem de Escorpião. Mas essa é uma outra história.

Pouco depois de chegarem ao salão, Dadaaiô apareceu com uma pequena comitiva. Veio acompanhado pela esposa e um gnomo idoso, com longas barbas brancas. O rei sentou-se no trono, que era feito de ouro, e adornado com grandes pedras preciosas, e parecia grande demais para um gnomo, de forma que ele ficava balançando os pés. A esposa se postou ao seu lado, mas não muito perto, e ficou observando os estranhos. Já o velho, sentou-se numa confortável poltrona próxima. O rei veio segurando uma tigela e, pelo barulho, mastigava alguma coisa crocante.

-Quereis? – foi a primeira coisa que disse, revelando uma boca suja por um molho estranho, aproximando a tigela dos elfos. – Minhocas fritas, uma delícia!

Bohnarius tentou disfarçar a sensação de nojo e respondeu polidamente.

-Muito obrigado, majestade, mas já comemos...

O rei sorriu, coçando a enorme barriga, que aparecia por debaixo do casaco semi-aberto. Depois finalmente perguntou:

-E o que trazeis vós aqui?

Bohnarius procurou explicar-lhe com o maior número de detalhes possível a situação de seu povo e suas necessidades, sem, contudo, fazer um relato muito enfadonho. Dadaaiô ouviu tudo atentamente, com a boca ligeiramente aberta e um ouvido mais próximo do elfo pois, parecia, era surdo do outro.

Após o relato do elfo, fez-se silêncio no recinto. Bohnarius se sentiu observado por muitos olhos. Então, reparou que um grande número de crianças gnomas o observava, escondidas por trás de colunas e móveis. Então, teve uma sensação ao mesmo tempo de desconforto, por estar sob a mira de tantos, e ao mesmo tempo confortado por serem crianças.

Mas foi o velho quem primeiro falou, para o espanto dos elfos:

-Ora! Vamos fazer churrasquinho deles!

Bohnarius notou que o príncipe tremera sob aquelas palavras, mas depois lembrou-se que aquele deveria ser o sogro de Dadaaiô, um gnomo que era reconhecidamente tantã.

O rei, em si, coçou o gordo queixo imberbe, dizendo:

-Hum... hum...

E depois de algum tempo, para manter um clima de mistério, finalmente desembuchou, mantendo apenas um olho aberto:

-Ora! E o que eu vou lucrar com isso?

É claro que Bohnarius já esperava por aquilo, pois os gnomos são conhecidos por sua apreciação por riquezas materiais.

-Temos ouro – respondeu o ailandê.

-Temos muito ouro! – foi a resposta de Dadaaiô.

Mas Bohnarius também já esperava por essa resposta. Vira muitas estátuas e objetos ordinários folheados a ouro pelo caminho. Então ofereceu algo menos inútil:

-Podemos conseguir-vos pedras nefrat e fuellai para o vosso uso por décadas!

O rei então apanhou um punhado de minhocas e as enfiou na boca, mastigando barulhentemente e pensando:

-Hum... hum...

-Já disse que podemos cozinhá-los e fazer um guisado de elfos! – ralhou o velho.

-Hum... para deixar tanto elfo passar pelos nossos domínios... – finalmente disse o rei, coçando o queixo. – Não sei não!

Então, algo inesperado aconteceu. A gnoma, que se colocara a distância, indagou ao elfo:

-Há crianças convosco, não há?

Bohnarius estranhou aquela manifestação, mas não demorou muito para entender a situação.

-Sim, muitas! – respondeu ele.

-Hã... amor - disse Dadaaiô, virando-se para a sua esposa, um tanto desajeitado, - estou tentando fazer um negócio aqui...

Ao ouvir isso, a gnoma, com cara de poucos amigos, apanhou uma pedra enorme do chão, com uma mão só, e ameaçou o marido:

-Pois trata logo de largar mão dessa história de negócio e deixa eles passarem!

E, como a gnoma ameaçou a jogar a pedra na cabeça do rei, este a enfiou o máximo que pôde entre os ombros, dizendo:

-Sim, amorzinho!

-E vê se manda uns meninos os acompanharem! – completou ela.

-Sim, amorzinho! Sim, amorzinho! – respondeu o rei.

E assim terminou aquela entrevista.

Dias mais tarde, a caravana de Ithra Maras atravessou Erasmus Nor, seguindo um caminho subterrâneo para oeste, escoltada por uma centúria de gnomos. Segundo tais gnomos, o mais próximo de Karnevion que poderiam sair da terra seria a Garganta de Erh, que mais tarde seria soterrada pelas salamandras, a trezentos quilômetros a oeste. Contudo, estariam apenas a meio caminho de seu destino. Assim, o grande desafio seria atravessar esse segundo segmento, sem a proteção das profundezas da terra. Mas a maior preocupação de Bohnarius era o tempo que levariam para chegar até Erh, pois, poucos quilômetros após a cidade gnômica, o caminho não se revelou fácil. Tanto que levaram quase três meses para percorrer a distância que os separavam de Erh. Para isso, tiveram que atravessar abismos, construir pontes, cavar túneis onde a terra havia deslizado, transpor rios subterrâneos, além de enfrentar trolls e proteger as crianças dos luvarti.

E, mais ou menos ao mesmo tempo em que iam de Erasmus Nor a Erh, mais ao sul, o anjo Belial acolhia em sua cidade de pedras os foragidos de Sursardawê, sendo cercado por dois exércitos salamândricos. Então, o anjo se utilizaria de inventos mecânicos e práticas de ilusionismo para enganar as elementais do fogo, até que os elfos pudessem sair em segurança. Mas essa também é outra história.

#####

Bohnarius foi o primeiro a sair a céu aberto, em Erh. Subiu pela encosta da garganta, abarrotada de pedras. Mas, quando chegou à superfície, o que viu foi o horror. Por onde quer que olhasse, havia vazio e desolação. Até aonde a vista alcançasse, não viu uma única árvore em pé. Tudo a sua volta se resumia a cinzas. O chão ainda estava quente e plumas de fumaça ainda voavam aqui e ali, fantasmagoricamente.

Quando ficou em pé, após um lento esforço, tremeu. Sentiu-se nu e solitário. Desprotegido. Estariam todos desprotegidos ali. Mas o que mais o angustiava é que havia uma dor nesse lugar, como se as almas das árvores ainda permanecessem na região, desorientadas, libertas pelo fogo que a tudo havia consumido.

Nunca vira tamanha desolação na vida. Até o vento parecia ter-se ido. Estava estarecido e amedrontado diante do silêncio e do vazio. Tudo o que restara da outrora exuberância da grande floresta, eram apenas cinzentas migalhas, inertes no chão, abraçando os seus pés como a implorar. Tudo o que restara era a terra seca, o vazio e um lamento que parecia se espalhar preguiçosamente pelo ar: o lamento de Athlanda.

Sua boca tremeu e os seus olhos arderam. Os lares dos elfos haviam-se ido.

Logo outros estavam ao seu lado. Os demais do destacamento avançado. Nenhum dos notus que ali se postaram disse uma única palavra. E ficariam assim, ali, pelo resto da vida, contemplando aquela trágica visão, vazios de alma, se não fosse a sua mera obrigação de sobrevivência.

Após alguns minutos assim, Bohnarius pareceu se recuperar do transe e ordenou que os dragões fossem trazidos. Trouxeram três deles, para fazer o reconhecimento. Tiveram que puxá-los com cordas para fora, pois não queriam sair. Estavam tristes e amuados também, como se tivessem um mau pressentimento. Dois deles estavam machucados, pois se debatiam dentro dos túneis, impacientes pela luz do Sol.

Bohnarius iria despachar três dracocavaleiros para o reconhecimento da região. Então, lhes disse:

-Lembra-vos: não estamos com pressa, portanto não vos arriscais. Ficai sempre protegidos pelas nuvens!

Os três jovens notus se entreolharam, um pouco espantados com as palavras do líder. Até que um deles disse:

-Não há nuvens no céu, senhor...

Foi então que, espantadíssimo, o ailandê lembrou-se que não havia notado o céu. Assim, olhou para cima e a luz cegante do Sol revelou-lhe um imenso azul sem uma única nuvem sequer, como um deserto de um incomensurável pálido azul.

-Mas vamos assim mesmo, senhor... – disse outro dracocavaleiro.

Bohnarius não pode fazer nada além que expressar um sutil aceno afirmativo com a cabeça. Então, os jovens se foram.

Quando voltaram, estavam desolados. O relatório de um deles foi mais ou menos assim:

-Voamos num raio de cem quilômetros e, onde quer que fôssemos, por onde quer que dirigimos nossas vistas, nada enxergamos além de destruição e fumaça. Não há mais uma única árvore em pé. Não há mais uma única mancha verde nesse solo cinzento!

Foi então que Bohnarius se deu conta de que suas chances eram mínimas. Estariam a céu aberto, desprotegidos do ataque direto dos exércitos salamândricos. Chegou a pensar em retornar, mas a sua única esperança ainda era Karnevion.

Como o líder parecia mergulhado em profundos pensamentos, um dos batedores sugeriu:

-Senhor, creio que nossa única chance é nos abrigarmos entre as colinas. O relevo é a única proteção possível!

Bohnarius concordou com aquilo. Era a única coisa que poderiam fazer. Assim, após uma semana, conseguiram reunir toda a caravana ainda nos subterrâneos e, durante dois dias

caminhando sem parar, varando a noite, chegaram até o vale onde poderiam descansar pela primeira vez. E assim prosseguiram a sua jornada, algumas noites dormindo, outras não.

Durante mais uma semana, prosseguiram sem ser vistos, mas, depois disso, algo aconteceu.

Num dia, ao crepúsculo, dois dracocavaleiros notus pousaram no acampamento ithrano: não mais nem menos que Easárius e Imonarion. Imediatamente, o primeiro procurou pelos familiares, encontrando primeiramente os irmãos. As crianças o abraçaram, felizes da vida e nem notaram o seu estado lastimável. Mas, em questão de minutos, Bohnarius foi avisado e avistou o filho, ainda abraçado aos irmãos. Quando Easárius avistou o pai e se pôs em pé, Bohnarius imediatamente reparou no estado do filho: o lado esquerdo do seu rosto, bem como o braço do mesmo lado, estavam medonhamente queimados. Não era uma queimadura recente, estava praticamente cicatrizada, mas tornara sua pele algo difícil para a visão de um pai.

-Filho... – balbuciou o experiente ailandê.

Easárius aproximou-se do pai e o abraçou:

-Não foi nada, pai, não foi nada... – sussurrou o jovem notus.

Então o pai o afastou, segurando-o pelos ombros com ambas as mãos, olhando-o nos olhos:

-Como isso aconteceu, filho?

-Andei esbarrando com uns dragões por aí... – respondeu o filho, tentando sorrir.

Mas Easárius lembrava-se muito bem como ganhara aquelas cicatrizes e melhor ainda a dor que passou nos dias subseqüentes. Ele estava patrulhando os ares do norte, sobrevoando o Mégion, com Imonarion, aquele que fora designado para ser seu companheiro. Em princípio ele detestara a nomeação, pois o outro jovem era mais hábil que ele mesmo e não era nada modesto, gabando-se desavergonhadamente dos seus feitos. Mas a guerra pareceu tê-lo tornado mais humilde e, assim, com o tempo, eles se tornaram amigos.

Mas, naquele dia, quando tomaram a direção oeste e iniciavam o retorno, um homem de fogo montado num dragão vermelho surgiu não se sabe de onde. Instintivamente, eles se separaram, como mandam os manuais militares de vôo. Assim, sabiam que o inimigo perseguiria um deles, enquanto o outro teria alguma vantagem. Pois o inimigo escolheu perseguir Imonarion.

Imediatamente, Easárius partiu atrás do homem de fogo, o mais rápido que pôde. Viu que Imonarion dançava na sua frente, zigue-zaguando para lá e para cá, para não ser atingido pelas chamas do dragão que, de vez em quando, se pronunciavam, mais como testes do que ataques propriamente ditos. Contudo, embora os dragões verdes élficos sejam mais ágeis, os rubros são maiores e mais rápidos. Assim, Easárius sabia que era questão de alguns

segundos até que as chamas inimigas atingissem o companheiro. Então, tirou o arco do tronco e passou a arremessar flechas.

A carcaça de um dragão rubro é espessa e não se podia perfurá-la com flechas, mas Easárius procurou atingir os lugares mais vulneráveis possíveis: partes das asas, das coxas e da barriga. A maioria das flechas era desviada sem penetrar, mas algumas ficaram. O dragão, contudo, pareceu nem sentir. Mas era tudo o que o jovem notus podia fazer, pois não poderia atingir o homem de fogo, não com aquela couraça mineral que revestia o seu corpo. Afinal, todo elfo sabia que os únicos lugares vulneráveis de um homem de fogo, quando se trata de flechas, são os olhos.

Desta forma, o que acabou acontecendo foi que, quando o inimigo se aproximou mais de Imonarion, o dragão cuspiu um jato tão espesso que praticamente desintegrou metade da montaria do seu companheiro. Ele, é claro, se projetou numa queda vertiginosa, sem que Easárius pudesse fazer qualquer coisa, pois estava demasiadamente longe.

A única coisa que pôde fazer foi mudar a trajetória o mais rápido que pôde, pois o inimigo agora viria atrás dele, e torcer para que o companheiro conseguisse mudar de fase:

-Vamos, cara, tu consegues! – torceu Easárius, apertando fortemente o punho fechado.

Em queda livre, de fato Imonarius conseguiu mudar de fase. Contudo, não se transformou num bóreas, pelo seu esforço mental, mas num eureus, um silfo, por puro medo. Então, voou até o alto de uma colina, onde se transformou novamente num notus assustado e ofegante.

Easárius, por sua vez, imaginou que teria apenas uma chance. Então, parou o seu dragão no ar e se virou. Observou o inimigo se aproximar rapidamente e ficou em pé sobre Idomeus. Colocou duas flechas no arco e mirou. Esperou até o último segundo e, ao mesmo tempo em que disparou as flechas, o enorme dragão lançou sua labareda.

As flechas atravessaram as chamas.

E se fincaram nos olhos do homem de fogo, derrubando-o do dragão.

Mas as chamas atingiram Easárius e ele caiu de sua montaria.

Contudo, não se precipitou no ar vazio, pois, lutando contra a dor, conseguiu agarrar as protuberâncias dorsais do seu dragão, com a mão direita, sentindo o rosto e o braço esquerdo em frangalhos.

Mas Idomeus se ajeitou sob ele e Easárius conseguiu montar novamente, a essa altura feliz, porque o dragão rubro, liberto de seu condutor, não retornou.

Mais tarde, deitado numa tenda médica, Imonarion veio ter com ele, brincando, dizendo que ele era mole por estar deitado devido a uma queimadurazinha de nada. Mas, no meio da brincadeira, ficou sério, e pediu para Easárius não contar para ninguém que ele havia se transformado num silfo. Isso seria muito vergonhoso.

Easáriu, no entanto, nem tinha visto o que tinha acontecido com o companheiro, mas, mesmo assim, prometeu:

-Será um segredo de nós dois!

Durante o resto do dia, o pai desfrutou da presença do filho, mas, à noite, após as crianças terem dormido, como sempre, eles não deixaram de discutir. O diálogo tenso se iniciou com uma pergunta mais séria:

-E Athlon, onde está?

-Acampado a uns duzentos quilômetros daqui, próximo ao pântano, resistindo como pode...

-E o cristal? – indagou o pai, preocupado.

-Está com ele.

-As salamandras não penetrarão no pântano.

-Não, pai? – objetou o filho. – Elas atravessaram os grandes rios!

-Precisa avisá-los sobre nós, Easáriu.

-Athlon já sabe. Por isso viemos.

-E quando ele mandará um destacamento para nos escoltar?

Diante da pergunta do ailandê, o filho ficou em silêncio durante algum tempo. Depois, balançou a cabeça e finalmente respondeu:

-Não virá destacamento algum, pai...

-Como não? Não podemos atravessar duzentos quilômetros de terra nua! Não chegaremos lá, Easáriu!

-Athlon não tem como nos ajudar, pai. Ele mal se sustenta na sua posição!

Indignado, o pai se levantou e passou a andar de um lado para o outro:

-Isso não pode ser! Falarei com o príncipe e...

-Pai! – interrompeu Easáriu. – Podes falar com quem quiseres. Não vai mudar as coisas!

-Easáriu, vai até o grande rei e lhe implore! Há muitas crianças conosco e...

-Não vai adiantar, pai! Sei disso! Se assim o fizer, apenas me perderás, pois não poderei voltar. Vou ficar aqui, eu e Imonarion, ao seu lado. Vamos chegar a Athlon!

Mas o pai olhava o vazio, sombrio, em pensamentos funestos. E, assim, deixou algumas palavras murmuradas lhe escapar por entre os lábios:

-Vamos morrer todos...

#####

E, de fato, nos dois dias que se seguiram, avançaram no caminho sem encontrarem nenhum ser salamândrico. Tudo o que viram foi cinzas, fuligem, carvão vegetal e absolutamente nenhuma árvore em pé. Mas, no terceiro dia, Bohnarius viu algo extraordinário.

Estava sozinho, sobre um cavalo, explorando o terreno. Ele havia designado alguns cavaleiros e dracocavaleiros para a exploração do caminho. Estes últimos procuravam por caminhos livres de exércitos de fogo e os primeiros exploravam as rotas alternativas apontadas pelos primeiros mais detalhadamente. Bohnarius seguia por uma dessas rotas, com três quilômetros de vantagem em relação à caravana, quando pressentiu algo se movendo fora de seu campo de visão. Quando se virou, constatou que algo se aproximava rápido, algo envolto em fogo. Em princípio, Bohnarius julgou ser um homem de fogo ou mesmo uma salamandra, então levou a mão direita ao cabo de uma das cimitarras atravessadas nas suas costas, mas logo constatou ser outra coisa.

Quando a criatura se aproximou mais, pôde ver exatamente o que era: era uma corsa. Uma corsa jovem e rápida, mas que tinha o dorso tomado pelas chamas. Ela corria em desespero, procurando fazer com que o fogo desmontasse do seu dorso, se precipitando para o nada e escoiceando ao mesmo tempo, e o elfo, privilegiado por sua visão acurada, pôde também ver claramente a morte estampada nos seus olhos.

Ela desapareceu por trás de uma colina e o ailandê sabia com certeza que ela não iria longe.

Mas, então, fez-se silêncio. Um silêncio profundo, absoluto. Bohnarius apurou o ouvido e nada mais ouviu que o vazio incomensurável. Seus parcos pelos se eriçaram. Havia uma sensação estranha ali. Um silêncio sombrio.

Contudo, alguns segundos depois, realmente ouviu algo. Um tilintar de pedras, vindo de trás de outra colina, mais ou menos da direção em que a corsa viera. Estava desconfiado mas, mesmo assim, bateu com os calcanhares contra a barriga do cavalo. Este passou a andar, mas parecia hesitante.

Aos poucos, a colina rotacionou diante dos seus olhos. Mas tudo o que via era sempre a mesma paisagem inóspita e sem vida. Logo, sentiu que o cavalo empacara e, por mais que o cutucasse na barriga, não queria seguir em frente. A essa altura, Bohnarius já sabia que havia algo ali, algo verdadeiramente perigoso. Mas também sabia que não era um exército salamândrico, e nem mesmo um pequeno destacamento, pois, nesse caso, ouviria alguma coisa. Então, desceu do cavalo e caminhou adiante cuidadosamente.

Então, a criatura entrou no seu campo de visão. Em princípio não a enxergou, pois pouco se distinguia das pedras, observando-a daquele ângulo, mas, logo, o barulho de pequenas pedras a rolar a denunciaram.

Estava sobre uma pequena colina, agachada. Quando Bohnarius percebeu o que era, seu coração disparou. Então ela o encarou com aqueles olhos vermelhos. O elfo parou e ficou estático, completamente imóvel.

Ele percebeu o que ela fazia no topo daquela colina: botava ovos.

Mas parecia já ter acabado pois, num movimento brusco, se levantou. E fez o que o elfo temia: lentamente, passou a descer a colina, em sua direção.

Ele jamais imaginou que se sentiria assim, na primeira vez que estivesse frente a frente diante de uma salamandra. O que sentia era medo. E ela parecia saber disso. Mas, olhando-a descer da colina, uma miríade de outras sensações tomou conta do seu ser.

Embora dissessem que, se você tocasse numa salamandra, a sentiria como uma pedra, que o seu corpo não era animal, mas mineral, a aparência do seu corpo era igual ao de uma mulher sensual: tinha ancas e coxas largas e cintura fina. Ao andar, rebojava de um lado para o outro. Então, entre o medo desesperador, Bohnarius também sentiu-se excitado.

Contudo, não tinha seios, pois as salamandras são ovíparas, e o rosto era um perfeito meio termo entre o rosto de uma linda dríade e um lagarto. Não tinha orelhas e o nariz mal passava de dois orifícios sobre a boca sensual. Boca esta que escondia duas presas de serpente.

Os olhos eram longitudinais como os dos gatos durante o dia e as mãos e pés, garras.

Quando estava a mais ou menos vinte metros dele, emitiu um silvo ameaçador. Então, Bohnarius compreendeu que, além de medo e excitação, também sentia ódio pela criatura. Assim, sacou as duas cimitarras, com ambas as mãos, e tentou alertá-la, adivinhando que o seu estado também não devia ser muito bom, pois ainda não havia se incendiado:

-Estás com fome, não estás? Não podes te inflamar, não é mesmo? Alerto-te que sei como dar cabo de uma salamandra!

Mas a ameaça não teve efeito e Bohnarius não sabia se ela havia entendido a sua língua. Ela continuou a avançar, agora mais rápido. Ele, então, se preparou para o encontro. Segurou firme suas lâminas e sabia que teria uma breve chance, pois a única maneira de matar uma salamandra usando espadas era enfiá-las no seu único ponto vulnerável: a junção do pescoço com a cabeça.

Todavia, ela foi rápida demais. Quando estava a um passo do elfo, este moveu as cimitarras o mais precisamente que pôde, mas suas lâminas se quebraram, uma contra o pescoço e outra contra o peito da criatura. Assim, ela o abraçou. Um abraço de morte, pois ainda tinha algum combustível interno. A temperatura do seu corpo estava em centenas de graus, o suficiente para oferecer ao habilidoso ailandê uma morte rápida.

O corpo caiu chamuscado no chão, exalando fumaça. Então, a salamandra o mirou bem, balançando a cabeça de um lado para o outro. Depois se agachou e se preparou para devorar o corpo do elfo, abrindo a boca incomensuravelmente e expondo os dentes pontudos como o de um sauro.

Mas, antes que pudesse abocanhar uma única parte do elfo, Imonarius apareceu correndo pelo campo vazio, com duas cimitarras na mão. Antes que a salamandra pudesse fazer qualquer coisa, ele, num salto, se posicionou a sua frente e, colocando as lâminas na forma de uma tesoura, num movimento preciso, decepou-lhe a cabeça.

Um sangue de cor vermelho vivo brotou do pescoço, acompanhado de uma espécie de óleo negro, parecido com petróleo. Depois, o corpo da elemental de fogo tombou para o lado, encontrando as cinzas finas que forravam o chão.

#####

É claro que a morte de Bohnarius provocou uma forte comoção nos filhos. Mas tal sentimento foi amenizado, em parte, pela união entre os três irmãos. Easárius disse que ele cuidaria dos pequenos agora, mas Ithannah e Iblus eram bravos.

Como não podiam contar com torres fúnebres, improvisaram uma paliçada do alto da colina mais alta das redondezas, depositando o corpo sobre a plataforma que construíram contando com pedaços de madeira que sobraram da devastação, rogando aos ventos que o corpo pudesse se decompor em paz.

Após as justas homenagens, a caravana prosseguiu para oeste. Caminharam muitos dias e, ao contrário do que esperavam, não encontraram forças inimigas. Easárius, então, adivinhou que os exércitos salamândricos deveriam estar concentrados num cerco a Athlon.

Assim, na terceira semana após a morte de Bohnarius, Easárius, no céu, do alto de seu dragão verde, pôde avistar, ao longe, um destacamento. Algo mais que duzentos cavaleiros. Ao se aproximar um pouco mais, pôde divisar os estandartes exibindo uma figura esverdeada parecida com uma coroa, sobre um fundo branco: era o símbolo de Lothar Prima, o símbolo do Rei Athlon.

O capitão do regimento disse que eles foram destacados para encontrar os refugiados de Ithra Maras e que Athlon estava a menos que cinqüenta quilômetros de distância, mas que estava cercado. Assim, teriam que abrir caminho numa das linhas salamândrias. Então, felizes por estarem já perto do rei, mas temerosos pelo enfrentamento do inimigo, prosseguiram.

Após mais duas semanas de jornada, finalmente atingiram o extremo de um platô, além do qual se situava o vale que abrigava o leito do Mégion, e, do alto do platô, puderam avistar tanto o acampamento do rei, quanto as chamas das forças salamândricas, que formavam uma espécie de semicírculo em torno, com uns cinco quilômetros de raio. Estas forças de fato poderiam esmagar Athlon, mas alguma coisa as mantinha a distância.

Ao longo dos próximos dias, Ithrannah, ainda banhada em lágrimas pela morte do pai, pôde assistir, do alto daquele planalto, diversas batalhas enquanto o rei dos elfos se preparava para romper o cerco, permitindo assim a passagem dos refugiados. Ela viu como os grandes dragões rubros salamândricos sobrevoavam o acampamento élfico, tentando despejar as suas chamas sobre os mesmos, mas algo parecia desviar as chamas que, quase invariavelmente, fazia com que as labaredas se voltassem contra si mesmos. Viu também o movimento dos homens de fogo, particularmente à noite, como pontos luminosos que se deslocavam tais quais rios de lava, deslizando sobre o chão e entoando mantras assustadores, como se fossem sussurros que se podia ouvir a quilômetros de distância.

E assim, alguns dias depois, veio a notícia que teriam que correr. O alerta foi dado bem no meio de uma noite. Então, todos foram acordados e pegaram o que puderam, passando a se deslocar o mais rápido que podiam, na extensa descida que os separavam do rei. É claro que estavam correndo diretamente para as bocas ávidas das salamandras, mas, a poucos quilômetros dessas, sentiram uma gélida rajada de vento vindo do oeste. Todos então sorriram e pensaram ou disseram:

-O Zéphiros vem nos acolher!

Ao encontro deles soprava um vento cada vez mais intenso. Tal vento rompera o cerco das salamandras, de dentro para fora, bem no trajeto dos refugiados.

As crianças foram colocadas entre os primeiros da caravana, assim, Ithrannah teve uma visão privilegiada do que ia a frente. Desta forma, ela viu uma grande massa espessa de fuligem e fumaça que se elevava bem a sua frente, escondendo o que havia muito além de sua vista. Viu, nas laterais do canal constituído por um rio de ar em movimento, formado pelo vento, pontos luminosos que se aproximaram e que adivinhou serem homens de fogo, soldados salamândricos, autoinflamados. E, acima de tudo, viu, surgindo qual um ser mitológico de dentro da cortina de fumaça e cinzas, aquele senhor fornido como uma rocha, com um olhar destemido e ao mesmo tempo suave. Montava um cavalo branco, brandindo uma pesada espada reluzente, com uma singela coroa na cabeça. Vestia-se de branco, embora as túnicas lhe estivessem sujas, e sob a sua espessa barba branca, vociferava com uma voz ao mesmo tempo suave e ao mesmo tempo tal qual um trovão:

-Segui contra o vento e estareis a salvos!

Foi tudo muito rápido, mas, anos mais tarde, quando Ithrannah se lembraria do fato, o veria aparecendo e se aproximando em câmera lenta, como um baluarte de esperança a todos os que levam a dor no coração.

Mas lembrar-se-ia também que ele passara por ela como um relâmpago, uma luz incandescente a pulsar num mero momento, iluminando de esperança o mundo, sendo seguido por uma fila indiana de cavaleiros élficos. E, logo, ela percebeu que eram duas filas de cavaleiros que trotavam em sentido oposto ao dos refugiados, uma linha a sua direita e outra a esquerda. Logo eles atingiram a retaguarda do povo de Ithra Maras e então se agruparam, para protegê-los.

Enquanto corriam, Ithrannah pôde ouvir, mas não ver, que o rei travava uma batalha na retaguarda dos refugiados, mantendo as forças salamândricas afastadas.

Assim, quase todos chegaram ao acampamento do rei. Embora tivessem que atravessar um vento contrário cada vez mais intenso, os elfos são talentosos em nadar no ar, de forma que todos prosseguiram, mesmo os idosos terem que ser carregados pelos mais jovens.

Na próxima noite, os filhos de Bohnarius foram convidados à própria tenda do rei. A primeira coisa que chamou a atenção de Ithrannah ao penetrar na espaçosa tenda, foi o cristal verde. Ele estava postado bem no centro do recinto, sobre um pedestal. Tinha o formato muito parecido com a figura que se forma quando uma pequena esfera atinge a superfície do leite. Parecia então uma coroa na forma. Mas era verde e tinha um diâmetro de cerca de cinquenta centímetros e parecia ser mais uma bacia, pois um grupo de feiticeiras, em círculo em torno dele, preparava uma poção no seu interior.

Athlon estava esparramado sobre um monte de almofadas, tomando algo em uma taça. Aparentemente sentia dor – e Ithrannah observou que praticamente metade do seu rosto estava queimado – mas parecia feliz por ter conseguido resgatar os refugiados.

Quando se aproximaram mais do rei, ela notou que ele contava piadas para os seus generais e todos riam muito. E, ao vê-los, o rei, animadíssimo, acenou para que se aproximassem dizendo:

-Ah, esses devem ser os meus sobrinhos-netos! Aproximai-vos! Aproximai-vos! Olá, Easárius!

Aparentemente o rei já conhecia o irmão mais velho, mas ele olhou para as crianças e completou:

-Ora! Tu deves ser Iblus e tu, formosa princesa, Ithrannah!

As crianças sorriram e o reverenciaram. Depois, Athlon notou que a menina não desgrudava o olho das suas queimaduras, então disse, com uma voz ruidosa:

-Ah, não vos preocupais! Precisa ver como ficou a salamandra que me fez isso!

E caiu na gargalhada, sendo acompanhado pelos generais que se sentavam a sua volta. Athlon riu tanto que precisou segurar a proeminente barriga que saltava.

Aquilo chamou muito a atenção de Iblus, que olhava o rei cada vez mais admirado. Calculava que Athlon devesse ter uns cento e cinquenta quilos. A barriga era proeminente, mas ele era todo músculos. Coitado do cavalo que o levasse. Iblus também se admirou da sua espessa barba. Nunca vira um elfo barbado, que era uma marca das raças do sul. Athlon pertencia à casa Narba de Sursardawê, reconhecida pelos seus rostos barbados, embora Athlon fosse um prodígio mesmo quando comparado aos seus parentes.

O rei notou a admiração do jovem elfo, mas decidiu não dizer nada. Limitou-se a abrir os braços e declarar:

-Vinde, sobrinhos, vinde me dar uns beijos!

Então, ainda carentes, elas correram para os braços do tio e o cobriram de beijos, o que, é claro, o contentou muito. Mas a seção de beijos não durou muito, pois a grande feiticeira Collinawê se aproximou do rei.

-O cristal está fraco. Não aguentará uma nova tal investida – disse ela, misteriosamente, sem sentimento.

-Bem... – respondeu o rei, quase balbuciando. – Então... devereis atravessar a ponte.

Vários generais se levantaram em protesto, dentre eles, dois dos filhos de Athlon que no momento lutavam ao seu lado.

-Ainda há o povo de Sursardawê! – objetou um deles.

O rei os encarou com tranquilidade e segurança e, num tom sério, completou:

-Denarius, acompanharás os refugiados ithranos até Lothar Eralda. O resto de nós ficará aqui para esperar os sulistas. Levarás o cristal contigo.

Então, fez-se silêncio. Easárius percebeu que a estratégia do rei era preservar o seu filho mais velho – e sucessor. Mas percebeu que, ao ficar do lado leste do rio sem o cristal, Athlon não teria chance alguma contra as salamandras. Então, aquela ordem o levaria à morte inexorável. Mas o filho não parecia disposto a obedecer ao seu rei.

-Não, pai. Atravessaremos todos a ponte – disse seriamente, exibindo um ar preocupado. – O povo de Sursardawê está escoltado por aquelas **coisas** esquisitas! Sobreviverá! Conta de novo, Adarius!

Denarius havia se virado para o mais idoso dos generais, que, na verdade, era muito mais idoso que o próprio rei. Ele humildemente se curvou diante do soberano, e contou:

-Meu senhor, chegaram informes de que os refugiados se dirigem ao norte escoltados por criaturas mecânicas, altamente resistentes ao fogo.

O rei passou a pensar seriamente, tentando se lembrar de algo.

-Criaturas mecânicas... – disse ele, coçando a barba. – Hanumais, isso! O nome é hanumais! Macacos mecânicos! Os sulistas passaram em Beliária, não passaram?

-Sim, meu senhor! – respondeu Adarius.

-Ótimo! – concluiu o rei. – Mas isso não muda a minha decisão.

-Vais morrer, pai! – protestou Denarius.

O rei olhou profundamente para ele, nos olhos. Ele o chamara de pai, não de senhor. Dirigira-se a ele não como o rei, mas como progenitor. E então Athlon viu, nos olhos de seu general, que aquela não era uma objeção militar, mas o grito de desespero de um filho que ama o seu pai.

Assim aproximou-se dele e o apertou nos ombros.

-Olha. As salamandras não são tão poderosas assim – disse ele, com voz amena. – Há focos de resistência em que elas não conseguiram penetrar, mesmo reunindo todas as suas forças. Os gnomos resistem em Chorum e em Roc-Hai... bem, não sei bem o que está acontecendo lá! – o rei disse essas últimas palavras olhando para a grã-sacerdotisa.

-Uma grande magia impera lá – disse Collinawê, parecendo ainda em transe. – Uma magia mais forte que a do cristal vermelho. Roc-Hai tem raiva e se vingará daquele que a profanar!

Um arrepio percorreu a espinha de Ithrannah. De fato, a feiticeira dissera aquilo com uma voz muito sombria.

Mas o rei focou novamente na estratégia:

-E, Denarius, quando todos tiverem atravessado a ponte, a queimarás!

-Queimar a ponte! – protestou o príncipe. – Mas, os sulistas... E as salamandras estão aqui para tomar a ponte! Se a destruímos... elas vão invadir Karnevion pelo norte!

O filho parecia contrariado e um pouco amedrontado. Mas Athlon estava sereno e seguro:

-Não acredito que as salamandras entrem em Karnevion pelo norte. Não onde o pântano é mais vasto e profundo.

-Mas queimar a ponte... – tornou a dizer o príncipe, hesitante.

Então, Athlon passou a andar pela tenda, passando em frente a cada um dos seus generais, olhando nos seus olhos, dizendo:

-Vejo que vós estais perdendo a capacidade do pensamento simples, é isso mesmo? Olhai!

Fez um gesto para Iblus e perguntou:

-Meu pequeno sobrinho, sabes nadar?

Iblus escancarou os dentes, todo animado, pois de fato sabia nadar, como a maioria dos elfos:

-Sei sim!

-E acreditas que poderias atravessar o Grande Mégion a nado?

-Moleza! – disse ele, mais animado ainda.

-E quanto a uma salamandra, pequeno Iblus – continuou a perguntar o rei, - ela atravessaria o rio?

Iblus ficou alguns instantes a pensar. Não entendeu o propósito da pergunta e ficou a analisar se ali não havia alguma pegadinha. Por fim, respondeu:

-Não, senhor... uma salamandra afundaria. Isto é... elas são muito pesadas! E morreria, eu acho...

Então o rei se dirigiu novamente aos seus generais e sentenciou:

-Estais vendo? Até uma criança sabe! Vamos queimar a ponte!

E saiu da tenda apressadamente, sem esperar novas admoestações.

#####

E assim, Nerah, no dia seguinte, quando todos os refugiados haviam atravessado a ponte, bem como as feiticeiras e o cristal verde, ela foi incendiada. Mas o príncipe Denarius não a atravessou. Desobedeceu ao pai e secretamente permaneceu junto às forças de resistência. Não tendo mais que defender a ponte, Athlon e seu reduzido exército se deslocaram até as terras encharcadas que se estendiam para o lado oriental do Mégion, terras essas que, nos dias de hoje, estão secas.

E o rei bravamente resistiu aos insistentes ataques das salamandras até que o povo de Sursardawê atravessasse o rio, em balsas, nadando ou voando. Mas, logo após, contando apenas com uma força extremamente reduzida, Athlon pereceu em combate, junto com os seus filhos, da mesma forma que pereceu a floresta que lhe dera o nome. E, após isso, as salamandras desistiram de tomar Karnevion, pois uma disputa de poder entre duas rainhas provocou uma guerra entre os elementais do fogo.

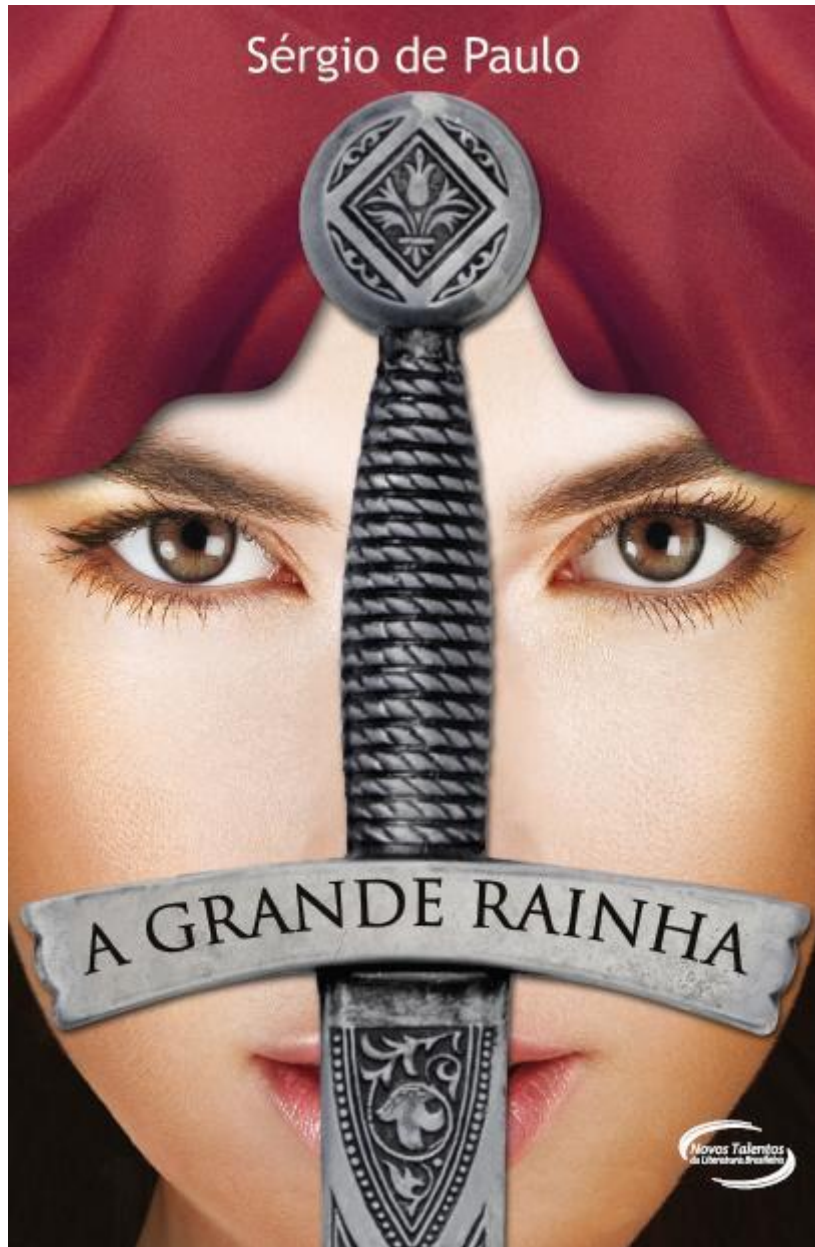
Mas a discórdia também se abateu sobre os elfos pois, com a morte do rei e dos príncipes, a coroa absoluta ficou sem dono. Então, diversos elfos nobres declararam-se rei: o rei Enius de Lothar Eralda, o príncipe sursardawenê e o príncipe ithraniano, Scilion. Então, diversas guerras foram travadas entre os elfos, culminando com a vitória de Scilion. Mas o grande responsável pela vitória deste foi Easárius, que, então, galgara ao posto de general. Então, ele se tornou muito famoso entre os elfos, ao mesmo tempo que o Rei Scilion se revelou fraco e hesitante. Não demorou muito para que um levante obrigasse Easárius a assumir o trono, num golpe de estado, num momento de crise, quando as salamandras voltaram a forçar as fronteiras de Karnevion. Easárius, para representar o símbolo de nossa casa, adotou a corsa em chamas, pois Imonarion havia visto também a mesma cena que Bohnarius havia presenciado, instantes antes de sua morte.

Repelindo esta investida do inimigo, o rei Easárius estabeleceu uma duradoura paz entre os elfos, num tempo em que a nossa sociedade voltou a se desenvolver. Mas Easárius contraiu uma doença e reinou por menos que cem anos, morrendo sem deixar herdeiros. Assim, Nerah, a sua avó, Ithrannah, assumiu o trono, se tornando a primeira rainha élfica.

Ao terminar a história, Bhorgus levou alguns instantes para recuperar a noção do presente, tal mergulhado ficara nas cenas do passado. Então, olhou para baixo e viu que sua filhinha dormia profundamente com a cabeça repousada contra o seu peito. Assim, ele não

sabia o quanto ela ouvira da história. Mas não importava. Ele sentia que teria que repetir essa história muitas e muitas vezes. Porque as crianças deveriam saber. Todos deveriam saber. Saber como, no passado, houvera uma exuberante floresta que cobria toda a Mesovíngia Oriental e que, agora, não mais existia.

Já nas melhores livrarias,
o primeiro livro da Saga de Mitrax:



A Grande Rainha